



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ –UFPA
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO – ILC
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FACOM
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA

EZERHELDERSON DOS SANTOS COUTO

**A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA A CONSERVAÇÃO DA
CULTURA ARTESANAL NAS OLARIAS DO QUILOMBO MÉDIO ITACURUÇÁ:**
diante das mudanças socioeconômicas e ambientais atuais

BELÉM – PARÁ

2025

EZERHELDERSON DOS SANTOS COUTO

**A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA A CONSERVAÇÃO DA
CULTURA ARTESANAL NAS OLARIAS DO QUILOMBO MÉDIO ITACURUÇÁ:**
diante das mudanças socioeconômicas e ambientais atuais

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Comunicação (FACOM) como requisito para obtenção do título de grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Universidade Federal do Pará.
Área de Concentração: Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marina Ramos Neves de Castro.

Coorientador: Prof. Me. William Costa da Silva.

BELÉM – PARÁ

2025

Dedico este trabalho aos meus pais, Pr. Eliezer Carvalho do Couto e Pra. Eva dos Santos Couto, que foram meu alicerce e inspiração ao longo desta jornada. Seus carinhos, beijos, abraços e colo foram meu alento. Dedico também aos meus irmãos Eliglevison, Ezivan, Eulys, Elquys, Evanilze, Elcilena, e às minhas cunhadas Marilda Pinheiro Couto e Kellem Rose Couto Costa, ao meu cunhado Dr. Marilson da Costa Maciel, e à minha sobrinha, a princesinha do titio, Evely Maysa Pinheiro dos Santos, pelo amor e apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Nenhuma palavra escrita pode expressar a profundidade da minha gratidão a algumas pessoas que foram fundamentais para a realização deste trabalho. Desde já, peço desculpas àqueles cujos nomes não estão aqui, mas que certamente estão gravados em meu coração.

Primeiramente, a Deus, por me dar força e sabedoria durante essa jornada.

Ao meu pai, Pr. Eliezer Carvalho do Couto, e à minha mãe querida, a rainha da minha vida, das flores a mais preferida, das rosas a mais perfumada e que por mim será sempre amada, Pra. Eva dos Santos Couto. Seus carinhos, beijos, abraços e colo foram meu alento. Aos meus amados irmãos, Eliglevison, Ezivan, Eulys, Elquys, Evanilze, Elcilena, e às minhas cunhadas Marilda Pinheiro Couto e Kellem Rose Couto Costa, ao meu cunhado Dr. Marilson da Costa Maciel, e à minha sobrinha, a princesinha do titio, Evelly Maysa Pinheiro dos Santos.

Agradeço ao professor Dr. Otacílio Amaral Filho pela imensa contribuição ao andamento deste trabalho, e à professora Dra. Carolina Maria Martyres Venturine, pelos abraços carinhosos nos corredores da FACOM e pelo acolhimento, tanto presencial quanto remoto, ao longo dos períodos que estudei na UFPA. À minha orientadora, professora Dra. Marina Ramos Neves de Castro, pela sua sabedoria, que foi fundamental para me mostrar o caminho a seguir. Sua orientação e dedicação foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

Ao querido coorientador William Costa da Silva, que foi meu braço forte e ajudou imensamente para a conclusão deste processo, sempre com muita dedicação e esforço. À professora Dra. Manuela do Corral Vieira, que me iluminou no início deste processo, especialmente durante o seminário de TCC, oferecendo seu suporte e orientação. E a todas as professoras e professores que me ensinaram a ser um excelente aluno.

Aos amigos de turma que foram verdadeiros ombros amigos ao longo da vida acadêmica, em especial Bianca de Oliveira Leão, Sthefany Lana Damaso Ferreira, Rafael de Paula Lopes Viana e Fabiane Moraes Costa.

À amada comunidade quilombola do Médio Itacuruçá, minhas sinceras palavras de agradecimento. Vocês me acolheram com coração aberto, ofereceram informações valiosas, compartilharam seu vasto conhecimento e sempre estavam prontos para uma conversa acompanhada de inúmeras xícaras de café. A generosidade, hospitalidade e sabedoria de vocês foram fundamentais para o sucesso deste trabalho. Sinto-me honrado por ter tido a

oportunidade de aprender com vocês e eternamente grato por todo o carinho e apoio recebido.

In memoriam, aos meus avós Humberto Carvalho do Couto e Eunice Carvalho do Couto, que oraram por mim desde o início da faculdade e que não puderam viver este momento comigo. À minha tia Elita Abreu Balieiro, que sempre torceu por mim e me incentivou. Sinto muita saudade dos seus beijos eternos e de sua luz.

Finalmente, agradeço a todos que fizeram parte desta jornada. Esta vitória é nossa!

O SENHOR Deus modelou o homem com barro da terra. Soprou-lhe nas narinas e deu-lhe respiração e vida. E o homem tornou-se um ser vivo (Bíblia Sagrada, Gênesis 2:7).

RESUMO

Este estudo investiga a importância das olarias artesanais na comunidade quilombola do Médio Itacuruçá, abordando sua relevância cultural, econômica e social. O objetivo principal é compreender como a comunicação se manifesta como um elemento estruturante na manutenção e conservação dessa prática tradicional. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com base em observação participante e entrevistas semiestruturadas realizadas com trabalhadores das olarias, patrões e membros da comunidade. Os resultados indicam que, apesar da redução do número de olarias ativas, essa atividade continua desempenhando um papel fundamental na identidade quilombola, sendo um espaço de transmissão de saberes ancestrais e um símbolo de resistência cultural. No entanto, desafios como a escassez de matéria-prima, a falta de políticas públicas de incentivo e a informalidade das relações trabalhistas ameaçam a continuidade do setor. Conclui-se que a valorização e o reconhecimento da olaria quilombola são essenciais para garantir a conservação desse patrimônio cultural e para proporcionar melhores condições de trabalho e desenvolvimento para a comunidade.

Palavras-chave: olarias artesanais; cultura quilombola; comunicação; identidade; conservação cultural.

ABSTRACT

This study investigates the importance of artisanal brickworks in the quilombola community of Médio Itacuruçá, addressing their cultural, economic, and social relevance. The main objective is to understand how communication serves as a structuring element in maintaining and conserving this traditional practice. The research adopted a qualitative approach, based on participant observation and semi-structured interviews conducted with brickworkers, employers, and community members. The results indicate that, despite the decline in the number of active brickworks, this activity continues to play a fundamental role in quilombola identity, serving as a space for the transmission of ancestral knowledge and a symbol of cultural resistance. However, challenges such as the scarcity of raw materials, the lack of public policies for support, and the informality of labor relations threaten the sector's continuity. It is concluded that valuing and recognizing quilombola brickworks are essential to ensure the conservation of this cultural heritage and to provide better working conditions and development opportunities for the community.

Keywords: artisanal brickworks; quilombola culture; communication; identity; cultural conservation.

INTRODUÇÃO

O caminho das olarias e sua chegada ao *quilombo* Médio Itacuruçá que está inserido geograficamente na região das ilhas de Abaetetuba, no estado do Pará, Brasil. Ele está localizado à margem esquerda do rio Meruu-Açu ou Maratauíra. A comunidade é acessível principalmente por meio do rio Itacuruçá. Como descreve Ávila (2019, p. 10): “A Região do Médio Itacuruçá, ganha destaque. O Rio Itacuruçá localiza-se no território quilombola das Ilhas do Município de Abaetetuba, que por sua vez se situa à margem direita da Foz do Rio Tocantins, no Estado do Pará, Norte do país”.

Nascimento *et al.* (2023, p. 92) também afirmam: “A comunidade de Itacuruçá, pertencente ao espaço das ilhas de Abaetetuba, localizada às margens do rio Maratauíra”. A comunidade está distante aproximadamente 48 quilômetros da sede do município de Abaetetuba, situada na Mesorregião do Nordeste Paraense. Como mostra a pesquisa da Associação Nova Vida do Médio Itacuruçá, “O acesso à comunidade se dá através da PA 151 que liga Abaetetuba a Igarapé-Miri e a via de acesso à comunidade é através do ramal do Médio Itacuruçá, 11.800 m. O total de quilômetros da sede do município são de 48 km” (Costa, 2013, p. 1)

Por gerações, o rio Itacuruçá tem sido a espinha dorsal das comunidades quilombolas que o cercam, fornecendo sustento e meios de subsistência. Inicialmente, a economia dessas comunidades era baseada na agricultura, com plantações de milho e arroz sendo as principais fontes de alimento e renda. No entanto, com o declínio dessas lavouras, a extração de madeira emergiu como uma nova forma de subsistência, segundo Brandão (2022).

Brandão (2022) afirma que, com o tempo, a produção nos engenhos também se tornou uma parte importante da economia local. Ainda assim, à medida que essa indústria começou a declinar, a produção nas olarias ganhou destaque. As olarias, que são oficinas onde se fabricam tijolos, telhas e outros objetos de barro ou argila, tornam-se uma fonte vital de renda para as comunidades quilombolas.

Há 100 anos, as primeiras olarias surgiram nesta região do município de Abaetetuba, no nordeste do Pará. Entretanto, foi na década de 80 que elas se tornaram a principal força econômica, não apenas na comunidade do Médio Itacuruçá, mas em todo o município de

Abaetetuba. As olarias eram força motriz da economia local, e o número delas refletia a enorme importância dessa atividade. Segundo o documentário UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020), “a gente tinha aqui na comunidade em torno de umas 56 olarias isso em pleno funcionamento”.

No passado, existiam aproximadamente 27 olarias no quilombo do Médio Itacuruçá. Atualmente, apenas 10 delas permanecem, enquanto as outras 17 perderam sua localização. Dessas 10 olarias restantes, apenas 5 continuam em operação hoje em dia.

Nisso tudo, faz ecoar um alerta em defesa do seu principal meio de sobrevivência, de onde muitas famílias tiram o seu sustento. Por isso, neste trabalho, apresentará a produção nas olarias da comunidade quilombola Médio Itacuruçá. O estudo descreverá o processo produtivo, os desafios enfrentados e as possíveis soluções para melhorar as condições de trabalho e a qualidade dos produtos.

A escolha deste tema é relevante porque, primeiramente, destaca a resiliência e a adaptabilidade das comunidades quilombolas frente às mudanças econômicas e ambientais. Em segundo lugar, chama a atenção para a importância das indústrias locais, como as olarias, na sustentação de comunidades rurais e na conservação de suas tradições culturais. Além disso, oferece uma oportunidade para explorar as interações complexas entre economia, meio ambiente e cultura em comunidades quilombolas.

Aprofunda-se o conhecimento sobre o caminho das olarias, explorando os dois lados do Atlântico e a relação da África com o Brasil. Quando se fala da cultura trazida da África para o Brasil, é sempre relevante aprofundar o conhecimento sobre a existência desses grupos, que compreendem uma cadeia inteira de processos simbólicos, conforme explica Sodré (2002), “Cultura nenhuma experimenta, é certo, um acesso imediato ou direto ao real. Há sempre uma mediação, entendida como o processo simbólico que organiza as possibilidades existenciais do grupo” (p. 8).

Ao discutir a situação dos grupos de africanos que foram deslocados de suas terras natais através de grandes embarcações para serem escravizados, é importante notar que essa realidade não é diferente do processo simbólico que eles enfrentaram. Essa relação nunca foi amistosa, pois esses grupos já possuíam suas próprias identidades antes de serem forçados à escravidão. A relação entre os africanos escravizados e os colonizadores nunca foi amistosa devido à imposição forçada de uma nova identidade e cultura sobre os africanos, que já possuíam suas próprias tradições, línguas e sistemas sociais. A escravidão representou uma ruptura violenta com suas raízes culturais e uma tentativa de apagar suas identidades

originais, o que gerou resistência e conflitos contínuos.

No entanto, para compreender a lógica da escravidão, é necessário levar em consideração a abrupta mudança de trabalho que esses grupos sofreram, o que resultou em um impacto histórico significativo. Como enfatiza Sodré (2002, p. 15), “a escravidão surge na História precisamente quando o homem passa da caça à agricultura, tendo como eventual consequência a necessidade de ajuda extrafamiliar no trabalho sedentário”. Essas famílias tinham perdido suas terras, que foram retiradas pelo uso da força, e precisavam ajudar suas famílias a conseguirem alimentos de maneira inesperada.

Para entender os processos de territorialidade e identidade de um povo, é fundamental ter uma noção de sua formação. No Brasil, o fundamento da escravidão, de negros que vieram da África para serem escravizados, expandiu-se em uma ideia espacial. Seguindo a lógica de pensamentos escravagistas da antiguidade, como por exemplo, os terreiros. O espaço firma a vontade de morar, fazer casa para habitar, se abrigar e isso mostra como a habitação é uma forma imprescindível de poder, como define Sodré ao aprofundar o conceito de terreiro:

O espaço aparece aí como o resultado do morar. Morar, por sua vez, não se define como mero efeito de um fazer comunitário, mas como algo que indica a própria identidade do grupo. O que dá identidade a um grupo são as marcas que ele imprime na terra, nas árvores, nos rios (Sodré, 2002, p. 22).

Nesse contexto, o caminho percorrido desde a chegada dos povos africanos trazidos como *escravos* para trabalharem na produção e comércio de materiais como tijolos e telhas segue um caminho histórico na construção civil do Brasil. Ou seja, eles conseguiram ocupar seus espaços na sociedade brasileira por esse meio e isso é tido como um ato político de grande proporção (Sodré, 2002). Com isso, nessa evolução de escravos para construtores da nação brasileira, firmaram suas técnicas que aprenderam com seus antepassados e as utilizaram na construção civil. Isso é mostrado através de suas construções arquitetônicas, como ilustra:

Embora predominassem no Rio os negros bantos originários da costa de Angola, do Congo, da Costa da Mina, os nagôs, tanto da África como da Bahia, constituíram um fluxo migratório importante. Graças à experiência associativa e à tradição em ofícios urbanos, eles passaram a exercer grande influência sobre instituições negras cariocas (Sodré, 2002, p. 79).

Os bantos foram os negros que mais se destacaram para a construção entre os outros povos, deixando suas marcas. Atualmente, busca-se evidenciar no Brasil a marca histórico-cultural da mão de obra dos negros africanos escravizados, mas a cultura

hegemônica tentou apagar esse caminho dos verdadeiros construtores da nação. Esse poder hegemônico foi o que mais se beneficiou desse sistema econômico, como afirma Sodré (2002):

Desse modo, os estratos sociais que mais benefícios tiravam de um sistema econômico baseado na escravidão e destinado exclusivamente à produção agrícola procuravam criar, para seu uso, artificialmente, ambientes com características urbanas e européias, cuja operação exigia o afastamento dos escravos e onde tudo ou quase tudo era produto de importação (Sodré, 2002, p. 36).

Por essa razão, a arquitetura dos prédios, os monumentos históricos, a pintura e outras obras são marcas que precisam ser vistas com mais cautela quando se fala de construções que remetem ao tempo da escravidão. Sodré (2002, p. 131) argumenta que, a tradição da edificação popular estava fortemente associada aos escravos, uma vez que estes desempenhavam praticamente todas as funções na área de arquitetura, desde as fundações e carpintaria até a decoração das fachadas. Isso mostra que os escravos desempenhavam um papel central na construção dessas edificações, sendo responsáveis por uma ampla gama de atividades, desde as etapas iniciais de construção até os detalhes finais de acabamento.

É importante entender que, nessas obras, podem conter inúmeras possibilidades de um povo africano ter contato com esses trabalhos, especificamente os bantos que praticavam artesanato na sua cultura e produziam artefatos de barro. Como narra Ribeiro (2000, on-line): “Os povos bantos possuíam uma longa história. Produziam objetos de cerâmica, praticavam agricultura e criavam gado. Haviam domesticado diversas plantas e dominavam as técnicas da metalurgia.”

Após a promulgação da Lei Áurea em 1888 (Brasil, 1888), as pessoas que foram escravizadas e que obtiveram suas cartas de alforria se tornaram livres. Aquelas que fugiram da escravidão e se refugiaram nas florestas formaram comunidades conhecidas como quilombos (Acevedo; Castro, 1998, p. 34). Essas comunidades são um testemunho vivo da resistência e da luta pela liberdade, e continuam a desempenhar um papel importante na preservação da cultura africana no Brasil. Como afirmam:

Com respeito a esta última situação, as mobilizações lograram incluir na Constituição de 1988 disposição transitória que assegura aos chamados “remanescentes das comunidades dos quilombos” titulação definitiva (Art. 68). O reconhecimento dos direitos configura-se, pois, como conquista a partir de um processo de lutas (Acevedo; Castro, 1998, p. 25).

É interessante registrar que, a cidade de Benevides, região Metropolitana de Belém, é conhecida como “O berço da Liberdade” por ter sido a cidade pioneira do Estado do Pará a libertar escravos e a segunda do Brasil (Prefeitura de Benevides, 2021-2025). Em Benfica, à época, vila de Benevides, no dia 30 de março de 1884, às 6 horas da manhã, o então presidente da província do Grão-Pará, Visconde de Maracaju, assinou as cartas de alforria dos primeiros escravos negros, pardos e/ou índios, concedendo-lhes a liberdade no estado do Pará. Este evento histórico ocorreu quatro anos antes da Princesa Isabel assinar a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888 (Prefeitura de Benevides, 2021-2025).

Além de seu papel crucial na abolição da escravidão, Benevides foi uma das primeiras cidades a receber imigrantes franceses, italianos e espanhóis, que vieram trabalhar na produção agrícola da região. No dia 24 de junho de 1884, a Estrada de Ferro de Bragança foi inaugurada, atravessando a região e a vila de Benfica (Prefeitura de Benevides, 2021-2025). Esta ferrovia foi fundamental para o escoamento da produção agrícola ao porto fluvial da capital, Belém, e posteriormente à cidade de Bragança. Além de facilitar o transporte de passageiros, a ferrovia desempenhou um papel essencial no desenvolvimento econômico e social da cidade. Até a época, os produtores locais foram os maiores responsáveis pela cerâmica que abastecia Belém, principalmente no contexto da *belle époque*, com produtos como imagens, telhas e tijolos.

Benevides, no Pará, foi a primeira cidade do estado e a segunda no Brasil a abolir a escravidão. Este fato é um testemunho da resistência e da luta pela liberdade, e continua a desempenhar um papel importante na preservação da cultura africana no Brasil. É importante resgatar essa história, pois ela traz elementos significativos da região e destaca a contribuição dos negros africanos escravizados na construção da nação.

Como se sabe, os povos tradicionais quilombolas são comunidades descendentes de africanos escravizados que fugiram das fazendas e formaram seus próprios assentamentos em áreas remotas do Brasil. Eles mantêm suas tradições culturais, religiosas e linguísticas, além de possuírem uma forte conexão com a natureza. Esses povos são a base constituinte do que é ser brasileiro.

Eles representam a resistência à opressão e a preservação de uma história que foi apagada pelos colonizadores, enquanto “a sociedade branca assim formula as leis de desterritorialização das comunidades e reforça a invisibilidade expropriadora na medida em que ignora a história da escravidão e a memória dos quilombos” Acevedo e Castro (1998, p. 211).

A luta dos quilombolas pela garantia do direito à terra é uma batalha histórica que ainda continua nos dias de hoje. Muitas comunidades foram expulsas de suas terras por grandes empresas e latifundiários, o que gerou conflitos e violência. Apesar das dificuldades enfrentadas, os quilombolas têm conquistado importantes vitórias na justiça, que reconhece o direito dessas comunidades às suas terras ancestrais. Essa luta é fundamental para a sobrevivência dessas comunidades e para a conservação de sua cultura e tradições.

A cultura quilombola é rica em tradições, costumes, danças, músicas, culinária e outras manifestações culturais do país. Cada comunidade tem suas próprias práticas culturais que são transmitidas de geração em geração. Trazendo esse assunto como exemplo para a *Amazônia*, conforme mencionado por Acevedo e Castro (1998, p. 264), torna-se ainda mais diversa, pois ela foi uma MÃE que abrigou muitos negros fugitivos, como ressaltam: “Mapeados os caminhos ou trilhas da fuga e os quilombos formados na Amazônia, estes nos indicam a complexidade do mundo negro recriado em liberdade” (Acevedo; Castro, 1998, p. 67).

Por isso suas danças e músicas são uma forma de celebração da vida e da natureza, com ritmos animados e instrumentos tradicionais. Além disso, sua culinária é baseada em ingredientes locais e inclui pratos como o feijão tropeiro, a moqueca de peixe e o vatapá. Essa diversidade cultural é um tesouro do Brasil e deve ser valorizada e preservada.

A conservação das comunidades quilombolas é crucial para a manutenção da diversidade cultural e da história do Brasil. Essas comunidades representam uma parte significativa da identidade nacional e possuem um conhecimento profundo sobre a natureza e o meio ambiente. Como enfatizam:

Os modos de cooperação e as práticas associativas são substanciais às comunidades negras no Brasil em situação de vida rural. Os estudos sobre elas têm considerado as diferenciações internas e as diversidades regionais e mostrado a importância de se compreender de forma particular o modo de vida, a organização social e a territorialidade (Acevedo; Castro, 1998, p. 155).

Evidencia-se também, a importância da preservação das comunidades quilombolas como um pilar fundamental para a garantia dos direitos humanos e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Essas comunidades, com sua cultura e terras distintas, merecem respeito e valorização. É um imperativo ético e uma necessidade social proteger essas comunidades quilombolas. Afinal, a diversidade é a chave para uma sociedade inclusiva. A luta pela preservação dessas comunidades e pela garantia de seus direitos é,

portanto, uma luta pela justiça social e pela dignidade humana.

Como outra percebido, a cultura é um elemento fundamental na identidade de um povo. Ela molda a maneira como as pessoas veem o mundo, interagem umas com as outras e se relacionam com o ambiente ao seu redor. Sodré (2002) reforça essa ideia ao citar que:

Essa dimensão incita à produção de um pensamento que busque discernir os movimentos de circulação e contato entre grupos e em que o espaço surja não como um dado autônomo, estritamente determinante, mas como um vetor com efeitos próprios, capaz de afetar as condições para a eficácia de algumas ações humanas (Sodré, 2002, p. 16).

No entanto, em muitas comunidades, a cultura tradicional está sob ameaça, à medida que as gerações mais jovens se afastam das práticas e conhecimentos dos seus *antepassados* (ver Referencial Teórico). Este é o caso da comunidade quilombola do Médio Itacuruçá, onde a tradição das olarias - a arte de fazer objetos de barro ou argila - está em declínio.

Há várias hipóteses para esse declínio. Será que é por conta da concorrência com a Brasilit e outras empresas que produzem telhas de amianto, que podem ser mais baratas e de mais fácil acesso? Ou talvez o preço das telhas de barro seja mais alto, tornando-as menos competitivas no mercado? Pode ser a dificuldade de conseguir barro de qualidade? Ou a morte dos detentores do saber em olaria, levando à perda de técnicas tradicionais? A pandemia de COVID-19 pode ter contribuído para a diminuição das vendas, impactando negativamente a economia local?

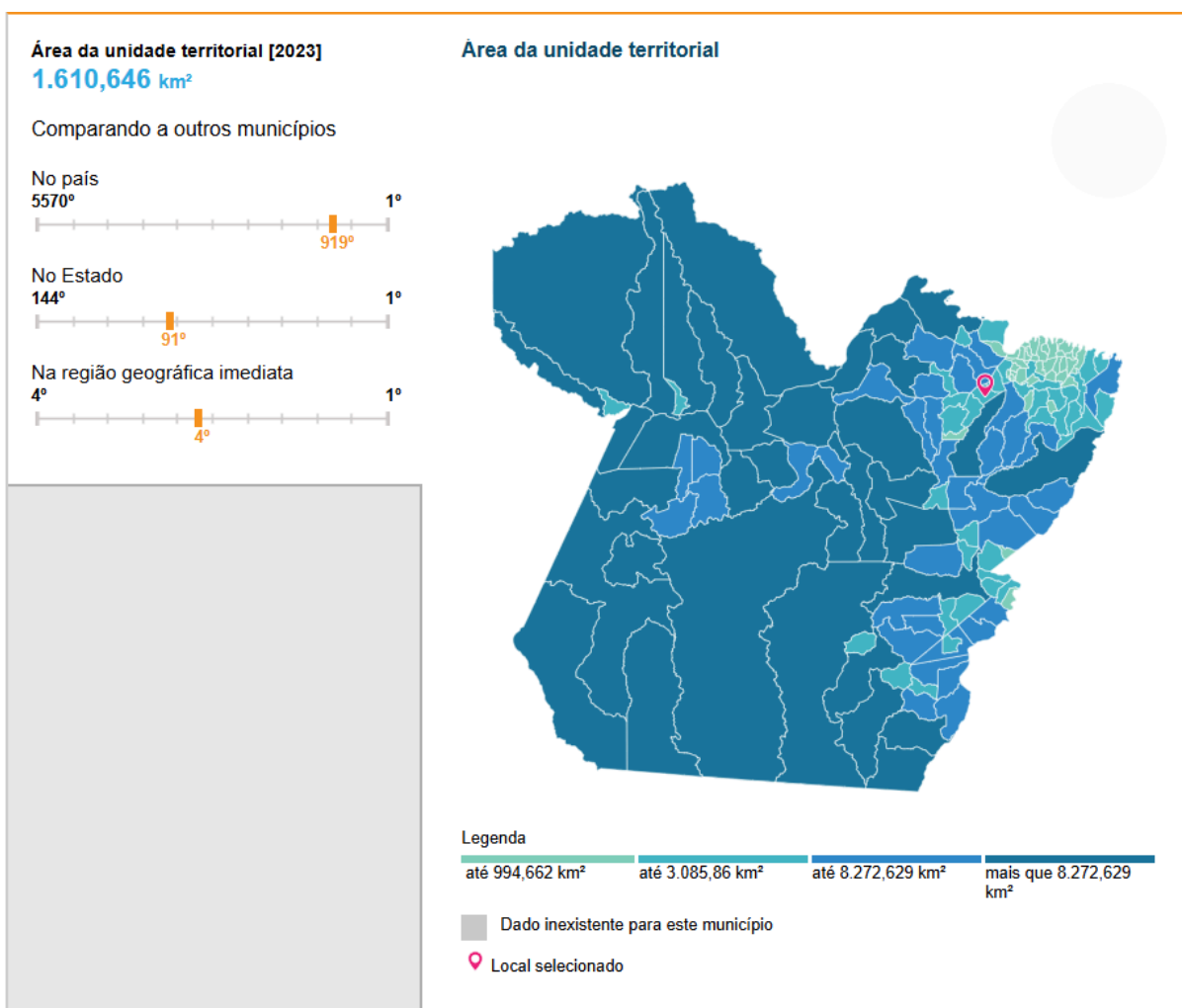
Para tanto, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca explorar os desafios enfrentados por essas comunidades na conservação dessa importante tradição cultural, bem como as possíveis soluções para melhorar as condições de trabalho e a qualidade dos produtos.

A herança dos povos quilombolas vai além da resistência física ao sistema escravista; ela se manifesta no cotidiano, nas práticas culturais e nas formas de organização econômica que perduram até hoje. A produção artesanal das olarias no quilombo Médio Itacuruçá representa um desses aspectos, pois mantém viva uma tradição que se baseia na transmissão oral de conhecimentos, na valorização do trabalho manual e na forte conexão com o território. Assim, ao analisar a atividade oleira, não estamos apenas examinando uma economia local, mas também um legado cultural que reflete a identidade e a luta quilombola pela manutenção de seus saberes e modos de vida.

2. DELIMITAÇÃO DO TEMA E PROBLEMÁTICA

Para entender ainda mais a respeito dessa cultura, é importante saber de onde é sua localização. A comunidade quilombola em questão está situada no município de Abaetetuba, que, conforme descreve o IBGE (2023), “é um município brasileiro localizado no estado do Pará, na região norte do Brasil.” Abaetetuba está situada na margem direita da foz do Rio Tocantins.

Mapa 1 – Área da unidade territorial de Abaetetuba, no Pará.



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/abaetetuba/panorama>. Acesso em: 30 jan. 2025.

Segundo dados do IBGE, “a população de Abaetetuba foi estimada em 2024 em aproximadamente 170.999 habitantes” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023).

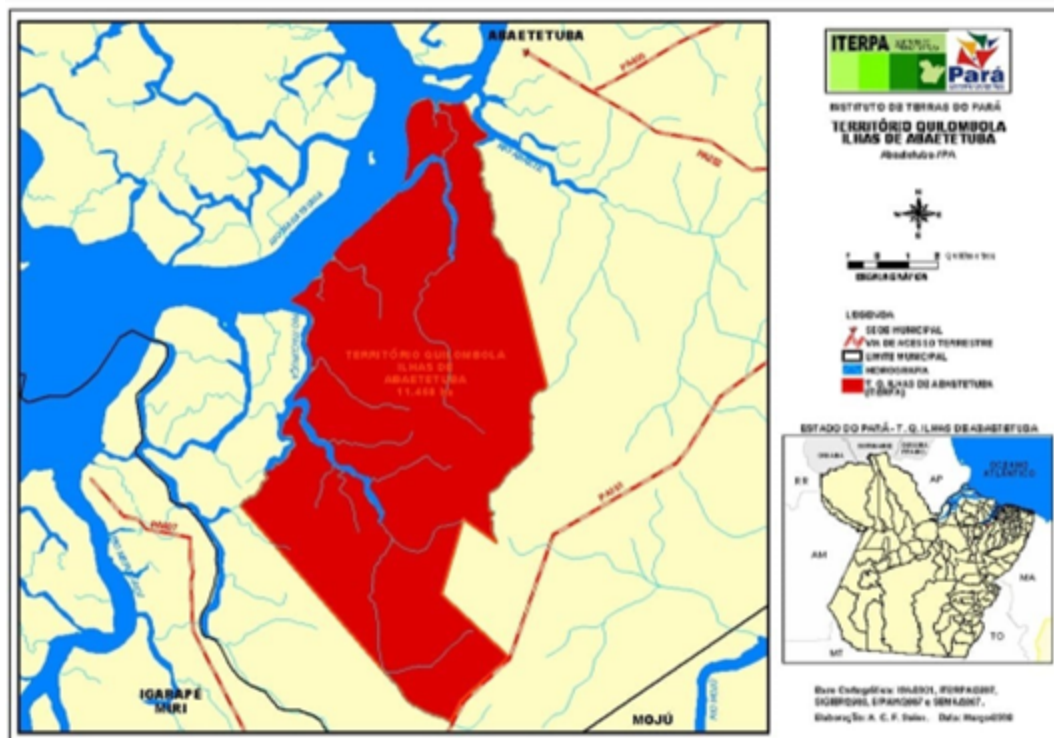
Em 2022, o Censo do IBGE apontou uma população de 158.188 pessoas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023). Além disso, Abaetetuba possui uma área total de 1.610, 646 km² e uma densidade demográfica de 98, 21 habitantes por km². O município é conhecido por sua economia baseada na produção agrícola, com destaque para a produção de açaí e mandioca, além de ser um importante centro de produção cerâmica e possuir grande relevância cultural e histórica na região.

Abaetetuba enfrenta desafios relacionados a deslizamentos de terra, especialmente nos bairros de São João e São José. Em fevereiro de 2023, deslizamentos resultaram na evacuação de mais de 100 famílias devido ao risco de desabamento de suas casas (Conceição; Luz, 2023). Esses deslizamentos são recorrentes e têm impacto significativo nas condições socioeconômicas e socioambientais dos moradores (G1, 2023).

Além desses desafios, a comunidade do Médio Itacuruçá, que está inserida nesse território de Abaetetuba, junto com a ARQUIA – Associação das Comunidades de Remanescentes de Quilombos das ilhas de Abaetetuba – conseguiu em seu favor a outorga do Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo pelo Governo do Estado do Pará. Isso representa um passo importante na garantia dos direitos territoriais das comunidades quilombolas, promovendo a preservação de suas tradições culturais e fortalecendo a luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Até 2023, somam-se dez comunidades remanescentes de quilombos (Baixo, Médio e Alto Itacuruçá, Arapapu, Arapapuzinho, Ipanema, Acaraqui, Tauerá, Genipauba e Assacu). No entanto, o foco de estudo para esse trabalho destacará a comunidade do Médio Itacuruçá, que, junto com outras sete, foi reconhecida há mais tempo por titulação pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA), em 2002.

Mapa 2 – T.Q. Ilhas de Abaetetuba



Fonte: <http://portal.iterpa.pa.gov.br/quilombolas/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Essa localização e o reconhecimento oficial são fundamentais para a conservação da cultura e da história dessas comunidades. Eles fornecem um contexto geográfico e histórico que ajuda a entender melhor a importância das olarias para essas comunidades e a complexa interação entre economia, meio ambiente e cultura em comunidades quilombolas.

2.1 O TRABALHO NAS OLARIAS: O SISTEMA DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MÉDIO ITACURUÇÁ

O processo de produção nas olarias dessa comunidade pode ser dividido em quatro etapas principais: extração, modelagem, secagem e queima da argila. A seguir, são descritas cada uma delas, destacando os aspectos relevantes.

Extração da argila: a matéria-prima argila (barro) é extraída de barreiros (figura 1 – Extração de barro), que são locais onde o solo apresenta uma alta concentração desse material. O barreirista é o trabalhador responsável por identificar, limpar a vala (área onde fica o buraco da escavação) e retirar a argila dos barreiros (figura 2 – Vala no barreiro), usando ferramentas como vara, arco e pá. Esse trabalho requer experiência, pois o barreirista precisa saber reconhecer a qualidade da argila (figura 3 – Barreirista com a vara procurando barro), o nível da maré (porque existem marés em que é impossível a retirada do minério e

isso só é percebido pela lua e quem tem experiência na área) e o tempo de secagem. A argila é cortada em blocos e transportada em embarcações até as olarias (figura 4 – Batelão transportando barro).

Mosaico de figuras de 1 a 4 – extração da argila



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Modelagem do tijolo e da telha: a modelagem é a etapa em que a argila é transformada nos objetos desejados, como tijolos e telhas. O processo de fabricação de tijolos envolve várias etapas e requer habilidades específicas. O barro é modelado em fôrmas de diferentes tipos e tamanhos, passando por uma máquina chamada maromba, que mistura, amassa e extrusa a argila em forma de cordão (figuras 5 e 6). Este cordão de argila é então levado até a cortadeira (figura 7), um equipamento que possui carretéis funcionando como uma esteira.

O cortador, o trabalhador responsável por operar a cortadeira, realiza o corte do cordão de argila com um fio de ferro ou aço, com o barro ainda mole, determinando o tamanho do tijolo a ser formado. Os tijolos cortados são então colocados em tábuas ou outros materiais que os sustentem até as prateleiras para a secagem. Todo este trabalho é manual.

Ao chegar nas prateleiras, o gananfiador, utilizando seu ganarfo (uma espécie de garfo), molhado com água, carrega o tijolo com muito cuidado para não o entortar e arruma os tijolos um ao lado do outro para otimizar o espaço.

Figura 5 – Trabalhadores na maromba



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Figura 6 – O barro sendo moldado pela maromba



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Figura 7 – Tijolo na cortadeira



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Finalmente, a prensa (figura 8), uma máquina que molda o material (bola) retirado da maromba com as medidas adequadas (que passa pelo mesmo processo que o tijolo, mas não precisa do ganarfo que é usado no tijolo, ela possui um ganarfo específico quando é retirada da fôrma) em formas de telha, é operada pelo telheiro. Este trabalhador precisa ter habilidade para operar a prensa, controlar a umidade e a consistência da argila e evitar defeitos nos produtos. Portanto, cada etapa do processo requer um conjunto específico de habilidades e conhecimentos, demonstrando a complexidade e a importância do trabalho do oleiro.

Figura 8 – Prensa de telha



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Secagem do tijolo e da telha: a secagem é a etapa em que os objetos de argila são expostos ao ar para perderem a água e ficarem mais resistentes. O estivador é o trabalhador que cuida dessa etapa, carregando e arrumando os tijolos e as telhas em prateleiras de madeira (figura 9). Esse trabalho é feito manualmente, usando ferramentas como tábuas, ganarfos e carrinhos. O estivador precisa ter cuidado para não danificar os produtos, que ainda estão frágeis, e para evitar acidentes, como quedas e cortes. A secagem leva alguns dias, dependendo das condições climáticas e da ventilação do local.

Figura 9 – Prateleira de telha



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Queima do tijolo e da telha: a queima é a etapa final, em que os objetos de argila são submetidos a altas temperaturas em fornos, para adquirirem dureza, cor e impermeabilidade. O fogueiro é o trabalhador que comanda essa etapa, acendendo, alimentando e controlando o fogo nos fornos. Esse trabalho é delicado, pois o fogueiro precisa saber regular a temperatura, o tempo e a distribuição dos produtos nos fornos (figura 10, 11, 12, 13 e 14), para evitar que eles fiquem crus ou queimados demais. A queima leva cerca de dois dias e meio, variando de acordo com a quantidade e o tipo de produto. Após a queima, os produtos são resfriados, armazenados e comercializados.

Figura 10 – Arrumação de telhas e tijolos no forno



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Figura 11 – Visão de dentro do forno de cozimento



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Figura 12 – Olhar de dentro do forno



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Figura 13 – Parte superior do forno



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

Figura 14 – Armazenamento de lenha do lado do forno



Fonte: UBUNTU – A Partilha Quilombola (2020)

2.2 A LÓGICA COMERCIAL DAS OLARIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MÉDIO ITACURUÇÁ

As olarias do Quilombo Médio Itacuruçá são uma fonte vital de renda para as comunidades quilombolas, destacando a resiliência e a adaptabilidade dessas comunidades diante das mudanças econômicas e ambientais. Cada papel desempenhado nas olarias é crucial para a conservação dessa cultura.

Os padrões das olarias geralmente são membros das próprias comunidades quilombolas que possuem os recursos e conhecimentos necessários para gerenciar a produção. Eles são responsáveis por coordenar as atividades diárias, garantir a qualidade dos produtos e negociar com os compradores.

A maioria dos trabalhadores nas olarias são homens adultos, embora haja também a participação de mulheres e jovens menores de 18 anos em algumas atividades. Esses trabalhadores são responsáveis por diversas etapas do processo de produção, desde a extração da argila até a modelagem e queima dos produtos. A divisão do trabalho é baseada nas habilidades e experiências individuais, promovendo um ambiente de cooperação e aprendizado mútuo.

Os contratos de trabalho nas olarias podem variar, mas geralmente são informais. Como enfatiza:

Na Amazônia brasileira há diversos tipos de atividades informais e de graus pequenos desenvolvidas por pequenos produtores que desempenham em alguns casos de maneira artesanal ou em pequena escala produtiva, em que a interação com os recursos naturais serve de base para produção. As olarias são apenas um exemplo desse tipo de produção, e que exige um olhar mais dinâmico sobre a sua permanência e necessidades junto às transformações que o sistema de trabalho vem sofrendo ao longo dos anos (Rodrigues, 2018, p. 12).

Muitos trabalhadores são remunerados por produção, recebendo um valor fixo por cada unidade produzida. Em alguns casos, há acordos de parceria, onde os trabalhadores recebem uma porcentagem dos lucros obtidos com a venda dos produtos. Além disso, alguns trabalhadores são pagos por diária. A informalidade dos contratos reflete a natureza tradicional e comunitária das olarias, mas também pode representar desafios em termos de direitos trabalhistas e segurança social. Como menciona Rodrigues (2018), “Outro conceito base no trabalho das olarias é a precariedade das condições de trabalho e de proteção ao trabalhador” (p. 11).

A produção nas olarias da comunidade quilombola Médio Itacuruçá enfrenta diversos desafios, que comprometem a saúde, a segurança e a renda dos trabalhadores. Entre eles, destacam-se as questões de segurança, infraestrutura, impacto ambiental e falta de incentivo. Os trabalhadores das olarias estão expostos a riscos de acidentes e doenças devido à falta de medidas de segurança adequadas. Segundo Ferreira (2013):

O processo de produção dos objetos de barro é bem tradicional, carente de modernização e avanços tecnológicos. O barro é prensado manualmente nas marombas que o suga através do movimento de espirais feitas de ferro que moldam o barro no formato dos tijolos ou telhas (figuras 21 e 22). Esse processo é extremamente perigoso, pois num descuido do oleiro, os braços ou pernas podem ser sugados pela maromba e dilacerados ou decepados por ela. São comuns os casos em que isso acontece, tendo como resultado pessoas com os membros superiores e inferiores amputados (Ferreira, 2013, p. 112).

A infraestrutura insuficiente dificulta a produção e a qualidade dos produtos. Além disso, a operação contínua das olarias pode causar danos ambientais significativos. Rodrigues (2018, p. 41) descreve: “Mesmo que a efetividade da função signifique produzir danos significativos ao meio ambiente da região, supor a suspensão do modelo oleiro na comunidade acarretaria consequências sentidas em diversas escalas.”

A falta de incentivo, tanto do poder público quanto do mercado, também é um

problema significativo. Os trabalhadores não recebem apoio financeiro, técnico ou jurídico, e enfrentam a concorrência desleal de outros produtores. A exploração da mão de obra barata é outra questão preocupante, resultando em condições de trabalho precárias. Essas informações foram obtidas por meio de levantamento prévio e conversas com ex-funcionários. Isso ocorre com os trabalhadores do Médio Itacuruçá, que enfrentam desafios semelhantes às que Ferreira (2013) descreve:

As olarias de tijolos, mais concentradas no rio Ajuai, também sofrem com a concorrência dos tijolos que são produzidos em outros municípios do Pará, principalmente dos distritos industriais da Região Metropolitana de Belém, que por produzirem em grande escala e com um melhor nível tecnológico conseguem vender o seu produto a preços mais baratos e de melhor qualidade do que os dos ribeirinhos de Abaetetuba (Ferreira, 2013, p. 112).

Apesar desses desafios, é necessário criar perspectivas futuras para o setor das olarias. Em uma visão geral, elas têm extrema importância na vida socioeconômica dessas comunidades quilombolas. As olarias geram um impacto social significativo, são responsáveis pela geração de empregos locais e pela conservação da cultura, além de manterem vivas as habilidades e tradições desses grupos.

Percebe-se que elas são o principal meio de sobrevivência de muitas famílias da Comunidade. Por esse motivo, há a necessidade de um novo modelo econômico, isto é, para a criação de projetos sustentáveis que objetivam melhorias nesse setor de trabalho e, que dialoguem, a partir dos saberes, com a conservação da cultura local.

2.3 ALTERNATIVAS SUSTENTÁVEIS

A busca por alternativas sustentáveis é essencial para enfrentar os desafios sociais, econômicos e ambientais das comunidades quilombolas. Ao promover práticas que respeitem o meio ambiente e valorizem a cultura local, é possível garantir a sobrevivência dessas comunidades e a preservação de seus saberes ancestrais. Neste contexto, destacam-se diferentes estratégias que podem contribuir para o desenvolvimento sustentável, equilibrando tradição e inovação. A seguir, serão apresentadas algumas dessas alternativas, que incluem agroecologia, turismo comunitário, artesanato e capacitação educacional.

2.3.1 Agroecologia e Agricultura Sustentável

A implementação de práticas agroecológicas pode ser uma alternativa viável. A agricultura sustentável promove o uso de técnicas que respeitam o meio ambiente, como a

rotação de culturas, o uso de adubos orgânicos e a conservação do solo. Isso não só melhora a produtividade agrícola, mas também garante a segurança alimentar e a preservação dos recursos naturais.

Além disso, as comunidades quilombolas têm uma relação única com o ambiente em que vivem. O uso dos bens naturais por essas comunidades vai além da simples exploração econômica. As práticas agrícolas sustentáveis estão enraizadas em um profundo conhecimento transmitido pelos mais velhos, que inclui mitos e simbologias que promovem a manutenção e o uso sustentável dos ecossistemas naturais. Como descreve Diegues (2008 *apud* Freitas; Rody; Miranda, 2016),

as comunidades quilombolas apresentam forte integração com o ambiente no qual elas estão inseridas, e para isto o uso dos bens naturais englobam não somente a 'exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e simbologias que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais' (Diegues, 2008 *apud* Freitas; Rody; Miranda, 2016, p. 29).

2.3.2 Turismo Comunitário

O turismo comunitário pode ser uma fonte de renda adicional para as comunidades quilombolas. Ao oferecer experiências autênticas, como visitas guiadas, hospedagem em casas de moradores e participação em atividades culturais, as comunidades podem atrair turistas interessados em aprender sobre a cultura quilombola e a vida no campo. Isso gera empregos e promove a valorização da cultura local.

Além de gerar renda, o turismo comunitário pode também contribuir para a preservação do meio ambiente e das tradições culturais. Essas práticas são fundamentais para a sustentabilidade das comunidades quilombolas e para o bem-estar dos seus habitantes. Como destaca Freitas, Rody e Miranda (2016), aliado à preservação cultural, que é uma importante dimensão da sustentabilidade, as comunidades quilombolas contam também com práticas agrosilvopastoris, que atualmente são entendidas como práticas ideais na preservação da qualidade e saúde do meio ambiente onde estas comunidades estão inseridas (p. 29).

2.3.3 Artesanato e Produtos Locais

A produção e comercialização de artesanato e produtos locais, como cestos, cerâmicas e alimentos tradicionais, podem ser incentivadas. Esses produtos podem ser vendidos em feiras, mercados e pela internet, gerando renda para as famílias e preservando as técnicas artesanais tradicionais.

Essas atividades não só geram renda, mas também ajudam a manter vivas as tradições

e práticas culturais das comunidades quilombolas.

Além disso, o orgulho e a identidade dessas comunidades estão intrinsecamente ligados à produção artesanal. O trabalho manual é visto como uma forma de resistência e afirmação cultural, que preserva as tradições passadas de geração em geração.

Nesse sentido, o orgulho de ser quilombola envolve pertencer a uma comunidade negra, assumir sua cor e sentir orgulho. É lutar contra o racismo, pela liberdade e pelos ideais e objetivos. Ser quilombola é ter orgulho de sua comunidade e de seu povo (Santos; Chaves, 2007 apud Freitas; Rody; Miranda, 2016, p. 29).

2.3.4 Educação e capacitação

Investir em programas de educação e capacitação profissional é essencial para o desenvolvimento sustentável. Cursos e oficinas sobre gestão de negócios, marketing, técnicas agrícolas e artesanato podem capacitar os moradores a diversificar suas fontes de renda e melhorar a qualidade de vida.

Isso é crucial para a preservação de ambientes naturais e das tradições, fornecendo condições para que essas comunidades possam subsistir e se integrar ao Meio Ambiente e à Sociedade Moderna (Freitas; Rody; Miranda, 2016, p. 27).

A adoção de alternativas sustentáveis às olarias pode trazer benefícios significativos para as comunidades quilombolas do Médio Itacuruçá. Essas alternativas não só diversificam as fontes de renda, mas também promovem a conservação ambiental e a valorização da cultura local. É fundamental que políticas públicas e projetos comunitários sejam desenvolvidos para apoiar essas iniciativas e garantir um futuro próspero e sustentável para essas comunidades.

2.4 A COMUNICAÇÃO AUXILIA NA CONSERVAÇÃO DA CULTURA ARTESANAL EM QUILOMBOS DIANTE DE MUDANÇAS CONTEMPORÂNEAS

Para desenvolver essa questão, começa-se examinando as ideias de Sodré (2014). Ele argumenta que a comunicação é mais do que a transmissão de informações; ela envolve a troca de significados comuns entre os seres humanos. Sodré (2014) aponta que,

Mas o que aqui se leva agora em conta, por outro lado, é que a communicatio, assim como a comunicação, não é transmissão de informações nem diálogo verbal, e sim uma forma modeladora (organização de trocas reais) e um processo (ação) de pôr diferenças em comum, sem que processo e ação possam ser considerados como arbitrários (de livre-escolha) por parte dos indivíduos, pois implicam a força de uma

transcendência que, na Antiguidade, era o sagrado. Isso implica também afirmar que o conceito de comunicação não se restringe ao de prática discursiva (Sodré, 2014, p. 189).

Ainda segundo o autor, há uma distinção entre comunicação e informação, atribuindo à primeira o comum humano e à segunda a estrutura ou forma à matéria. Conforme explicado por Sodré (2014):

Embora sejam diferentes, as noções de comunicação e informação sempre coexistiram, na medida em que se preserve o sentido original de informação, que é dar estrutura ou forma à matéria, à energia ou à relação, enquanto comunicação diz respeito à constituição do comum humano. Informação é, assim, algo que se abstrai socialmente para se conter ou se armazenar num ente inanimado (Sodré, 2014, p. 19).

Aplicando essa perspectiva ao contexto das olarias do quilombo Médio Itacuruçá, pode-se entender como essas comunidades mantêm viva a cultura do trabalho artesanal em meio às mudanças contemporâneas. Segundo um estudo de Brandão, Porro e Santana (2023), existem três ambientes de trabalho principais no quilombo: as olarias, os açazais e as roças. As olarias, embora estejam em decadência, ainda são uma parte importante da cultura e da economia local.

Os açazais, por sua vez, têm ganhado espaço e investimento, tornando-se uma fonte significativa de renda para as famílias quilombolas. O açaí, além de ser um importante produto comercial, também fortalece os laços comunitários, uma vez que a coleta e o processamento do fruto envolvem a participação de diversos membros da família, incluindo homens, mulheres e crianças. Conforme relatado por Brandão, Porro e Santana (2023):

A unidade familiar também é muito importante dentro da cadeia produtiva do açaí, uma vez que a coleta do fruto, conhecida como *apanha*, envolve a maioria dos membros da família no período da safra, onde, geralmente, os homens, sejam eles adultos, jovens ou adolescentes, vão subir nas palmeiras para coletar o fruto e as mulheres, em relações inter-geracionais, vão fazer o processo de debulha e limpeza dos frutos (Brandão; Porro; Santana, 2023).

Essa produção de açaí contribui não apenas para a economia, mas também para a socialização dos jovens da comunidade. Os jovens aprendem sobre as técnicas de cultivo e colheita, bem como sobre a importância do trabalho em equipe e da responsabilidade comunitária, promovendo assim um forte senso de identidade e pertencimento cultural.

As roças, mesmo diante das transformações sociais e econômicas, continuam sendo

uma atividade vital para a subsistência e a manutenção da cultura tradicional. A agricultura de subsistência, caracterizada pelo cultivo de mandioca, milho, arroz e outras culturas, permite que as famílias do Médio Itacuruçá mantenham sua autonomia alimentar e preservem seus conhecimentos tradicionais.

O estudo de Brandão, Porro e Santana (2023) destaca a importância dessas atividades agrícolas para a sustentabilidade e a continuidade das práticas culturais. Como ressaltam: “Em vista disso, a roça se configura como um importantíssimo espaço de fortalecimento e preservação da cultura e da soberania alimentar quilombola” (Brandão; Porro; Santana, 2023).

A vida nas roças envolve uma série de práticas tradicionais que são passadas de geração em geração, garantindo a preservação dos saberes ancestrais. O cultivo é feito de forma manual, utilizando técnicas de plantio que respeitam o ciclo natural da terra e contribuem para a conservação do meio ambiente. As roças também são um espaço de convivência e aprendizado, onde os mais velhos transmitem seus conhecimentos para os mais jovens, reforçando a identidade cultural da comunidade.

As mudanças socioeconômicas e ambientais podem afetar a prática do trabalho artesanal. Ainda assim, a comunicação e a troca de significados comuns podem desempenhar um papel crucial na manutenção dessas tradições. A comunidade pode se adaptar às mudanças, modificando suas práticas artesanais ou encontrando novas maneiras de comercializar seus produtos. Além disso, a comunidade pode usar a comunicação para educar as gerações mais jovens sobre a importância do trabalho artesanal e transmitir as habilidades e conhecimentos necessários.

A tradição oral desempenha um papel fundamental, onde os mais velhos compartilham histórias, técnicas e ensinamentos diretamente com os mais jovens em reuniões familiares e comunitárias. Além disso, as olarias que ainda operam mantêm técnicas tradicionais como a impressão do nome da olaria nos tijolos e telhas, prática que reforça a identidade e a autenticidade do produto. Isso responde o que será perguntado: como essas olarias conservam a cultura do trabalho artesanal? Quais técnicas e práticas são utilizadas para manter as tradições vivas?

Adicionalmente, a documentação escrita, como manuais e livros, pode ser criada para registrar e preservar esses conhecimentos para futuras gerações. Esses materiais não apenas servem como referência, mas também ajudam a padronizar técnicas e garantir que os conhecimentos não sejam perdidos ao longo do tempo.

Os documentários são ferramentas importantes, pois se utilizam de recursos

audiovisuais para capturar e disseminar as práticas artesanais, permitindo que um público mais amplo, incluindo aqueles fora da comunidade, aprenda sobre essas tradições. Essas formas de comunicação são vitais para a preservação e continuidade do trabalho artesanal, especialmente em um mundo em constante mudança, onde a globalização e as pressões socioeconômicas podem ameaçar essas práticas culturais.

No entanto, é importante notar que a manutenção da cultura do trabalho artesanal pode apresentar desafios significativos. As condições econômicas adversas e as mudanças ambientais podem dificultar a continuidade das práticas artesanais pela comunidade da mesma maneira que no passado. Além disso, a industrialização pode levar a uma diminuição da demanda por produtos artesanais, afetando a viabilidade econômica dessas tradições.

Em resumo, a problemática abre espaço para explorar os desafios e estratégias que essas comunidades empregam para manter suas tradições vivas. Isso inclui entender como elas se adaptam às mudanças e como utilizam a comunicação para educar as gerações mais jovens sobre a importância do trabalho artesanal.

A problemática central desta pesquisa é entender como as olarias do quilombo Médio Itacuruçá conseguem conservar a cultura do trabalho artesanal em meio às mudanças socioeconômicas e ambientais contemporâneas. Para aprofundar essa análise, é essencial investigar:

- **Como** essas olarias conservam a cultura do trabalho artesanal? Quais técnicas e práticas são utilizadas para manter as tradições vivas?
- **Se** elas conseguem conservar essa cultura, quais são os fatores críticos que permitem essa preservação?
- **Onde** essa conservação ocorre especificamente dentro do quilombo? Existem áreas ou comunidades mais ativas na preservação do trabalho artesanal?
- **Qual** é a importância dessa conservação para a comunidade quilombola? Como ela contribui para a identidade cultural, coesão social e sustentabilidade econômica?
- **Por que** é importante guardar e preservar essa cultura do trabalho artesanal? Quais são os benefícios para a comunidade local e para a sociedade em geral?

Explorar essas questões permitirá uma compreensão mais ampla dos desafios e estratégias que essas comunidades empregam para manter suas tradições vivas. Isso inclui entender como elas se adaptam às mudanças e como utilizam a comunicação, a tradição oral, a documentação e outras formas de transmissão de conhecimento para educar as gerações

mais jovens sobre a importância do trabalho artesanal. Nesse contexto, a pergunta norteadora é: **Como** a comunicação e a troca de significados comuns são guardadas pelos oleiros e, a partir dessa memória, podem desempenhar um papel crucial na manutenção dos saberes e tradições?

3. OBJETIVOS

3.1 GERAL

Analisar como os diferentes meios de comunicação – como a tradição oral, a documentação escrita, os registros audiovisuais e as capacitações – podem ser utilizados como ferramentas essenciais para a manutenção e transmissão dos saberes e tradições artesanais nas olarias do quilombo Médio Itacuruçá, garantindo a continuidade dessas práticas em meio às mudanças socioeconômicas e ambientais contemporâneas.

3.2 ESPECÍFICOS

- Investigar os principais fatores que ameaçam a conservação das tradições culturais nas comunidades quilombolas do Médio Itacuruçá;
- Avaliar o impacto das mudanças socioeconômicas e ambientais nas práticas culturais dessas comunidades; e,
- Mapear as iniciativas e projetos existentes que visam a preservação das tradições culturais quilombolas.

4. JUSTIFICATIVA

Este estudo é relevante pois se propõe entender os desafios enfrentados pelos quilombolas na conservação de suas tradições culturais. Essas tradições são um aspecto crucial para a identidade e a continuidade das comunidades quilombolas. A compreensão desses desafios é fundamental para desenvolver estratégias eficazes que possam ajudar essas comunidades a preservar e transmitir seu patrimônio cultural para as futuras gerações.

Além disso, ao explorar como a comunicação e a troca de significados comuns podem ajudar na manutenção dessas tradições, este estudo pode servir de modelo para outras comunidades que enfrentam desafios semelhantes. Isso pode levar ao desenvolvimento de políticas e práticas mais eficazes que possam apoiar não apenas as comunidades quilombolas, mas também outras comunidades tradicionais em seus esforços para preservar suas tradições

culturais.

Finalmente, ao contribuir para a literatura acadêmica no campo da comunicação e cultura quilombola, este estudo fornecerá novos dados e análises que podem ajudar a enriquecer o entendimento sobre essas comunidades e suas experiências únicas. Isso é especialmente importante em um mundo cada vez mais globalizado, onde a preservação das culturas locais e tradicionais é cada vez mais desafiadora. Portanto, a realização deste estudo não é apenas justificada, mas também necessária.

A comunidade quilombola do Médio Itacuruçá pode utilizar diversas estratégias para guardar e transmitir seus saberes e tradições. Entre essas estratégias, pode-se sugerir:

- **Tradição Oral:** Os mais velhos compartilham histórias, técnicas e ensinamentos diretamente com os mais jovens em reuniões familiares e comunitárias, garantindo que esses conhecimentos sejam passados de geração em geração.
- **Documentação Escrita:** Manuais e livros são criados para registrar e preservar os conhecimentos para futuras gerações, servindo como referência e ajudando a padronizar técnicas.
- **Bibliotecas Comunitárias:** A comunidade possui bibliotecas onde são armazenados documentos, livros e registros que compilam os saberes tradicionais.
- **Capacitações e Oficinas:** Programas de capacitação e oficinas são realizados para treinar novos artesãos e transmitir as técnicas tradicionais, promovendo a continuidade do trabalho artesanal.
- **Recursos Audiovisuais:** Documentários e outros materiais audiovisuais são utilizados para capturar e disseminar as práticas artesanais, educando um público mais amplo sobre a importância dessas tradições.

Explorar e implementar essas estratégias permitirá alcançar os objetivos propostos, fornecendo uma compreensão mais ampla dos desafios e das formas de preservação das tradições culturais na comunidade quilombola do Médio Itacuruçá.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico para este trabalho de pesquisa foi construído com base em duas obras principais. A primeira “O Terreiro e a Cidade: A Forma Social Negro-Brasileira” por Muniz Sodré (2002), oferece uma análise interdisciplinar da cultura negra no Brasil. Sodré introduz a dimensão territorial na elaboração da forma social negro-brasileira, partindo do terreiro como designação genérica para os lugares de culto afro-brasileiro. A comunidade

litúrgica é vista como uma reconfiguração espacial das terras de origem da diáspora escrava africana. Como ele afirma:

As comunidades litúrgicas conhecidas no Brasil como terreiros de culto constituem exemplo notável de suporte territorial para a continuidade da cultura do antigo escravo em face dos estratagemas simbólicos do senhor, daquele que pretende controlar o espaço da cidade (Sodré, 2002, p. 19).

Nesta parte, destaca-se a importância dos terreiros como espaços de resistência cultural e social, onde a cultura africana pode ser preservada e perpetuada, apesar dos esforços dos senhores de escravos para controlar e dominar todos os aspectos da vida dos escravos. Este trabalho pode fornecer uma compreensão profunda da experiência cultural afro-brasileira e de como ela se manifesta no espaço físico e social.

A segunda obra “Negros de Trombetas; Guardiães de Matas e Rios” por Rosa Acevedo e Edna Castro (1998), retrata as ações de resistência de um grupo étnico formado por *remanescentes de quilombos*, habitantes na região do rio Trombetas na Amazônia. As autoras exploram como esse grupo, conhecido como Filhos do Rio, faz do movimento de circulação das águas o pulso de sua existência e da *memória* social. Este trabalho pode oferecer informações valiosas sobre as estratégias de resistência empregadas por comunidades quilombolas na Amazônia, particularmente em face de ameaças como grandes projetos minerais e hidrelétricos.

Essas obras podem fornecer uma base sólida para a compreensão dos contextos cultural e social das comunidades quilombolas no Brasil, bem como das estratégias que elas empregam para conservar suas tradições e resistir a ameaças externas. Além disso, elas podem oferecer uma perspectiva valiosa sobre a interação entre essas comunidades e o ambiente físico em que vivem.

5.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Para uma melhor compreensão do tema abordado, é importante definir alguns conceitos fundamentais que serão utilizados ao longo deste trabalho, são eles:

5.1.1 Alforria

Refere-se ao ato de libertar um escravo. As cartas de alforria eram documentos que concediam a liberdade aos escravos, permitindo-lhes viver como pessoas livres. Como abordam Silva, Paula e Almeida (2014, p. 142): “Ademais, observa-se outro caso especial de se alforriar um cativo, o qual se dava mediante a posse de um documento conhecido como

carta de liberdade ou carta de alforria.”

A alforria podia ser concedida de diversas formas, como por compra, doação, testamento ou serviços prestados. Este ato de libertação era um marco significativo na vida dos escravos, pois lhes permitia a possibilidade de reconstruir suas vidas em liberdade e buscar melhores condições de existência. A alforria era um processo complexo e multifacetado, que envolvia não apenas a libertação física, mas também a inserção das pessoas que foram escravizadas na sociedade livre, muitas vezes sem recursos ou apoio.

Além disso, a alforria tinha um papel importante na dinâmica social e econômica do Brasil escravista, pois permitia a formação de uma população de libertos que, embora livres, continuavam a enfrentar desafios significativos em termos de integração e igualdade social. Segundo Mundo Educação (2025):

Carta de alforria era um tipo de documento formal e legalmente válido por meio do qual um proprietário de escravos concedia juridicamente a liberdade a uma pessoa escravizada. Foi utilizado durante o período da escravidão no Brasil (1500-1888). Os escravizados podiam obter sua liberdade por meio da concessão gratuita, da compra ou da concessão condicionada a um serviço (Mundo Educação, 2025, on-line).

A concessão de alforrias era uma prática comum, especialmente nas áreas urbanas, onde os escravos podiam acumular recursos para comprar sua liberdade ou recebê-la como recompensa por serviços prestados. Como destacam:

As alforrias gratuitas eram aquelas que não envolviam nenhum tipo de pagamento ou condição, sendo que o escravo se tornava forro imediatamente, sem contrapartida material para o senhor. Vale dizer que essa classificação parte apenas do princípio de que o escravo não teve que pagar por sua liberdade mediante apresentação em dinheiro ou prestação de serviços após a concessão de sua manumissão, isso porque sabemos que nenhum tipo de alforria deu-se totalmente de forma gratuita, mesmo estes que lograram de suas liberdades jurídicas, de modo imediato, tiveram que trabalhar arduamente durante longos anos para seus senhores e a eles devotaram suas lealdades (Silva; Paula; Almeida, 2014, p. 140).

5.1.2 Amazônia

A Amazônia é uma floresta tropical que cobre a maior parte da Bacia Amazônica na América do Sul. É o maior bioma do Brasil e é conhecido por sua vasta biodiversidade e importância ecológica. Como considera o Brasil Escola:

A Amazônia compreende um conjunto de ecossistemas que envolve a bacia hidrográfica do Rio Amazonas, bem como a Floresta Amazônica; é considerada a região de maior biodiversidade do planeta e o maior bioma do Brasil. Não é exclusivamente brasileira, sendo, portanto, encontrada em outros países (Brasil Escola, 2025).

Segundo o livro “Negros do Trombetas: Guardiães de Matas e Rios”, a Amazônia é um espaço de resistência e luta para os remanescentes de quilombos, que vivem em harmonia com a natureza e enfrentam desafios impostos por grandes projetos minerais e hidrelétricos. Esses habitantes, chamados de Filhos do Rio, fazem do movimento das águas o pulso de sua existência e da memória social. Conforme afirmam as autoras:

O território é condição de existência, de sobrevivência física para os grupos negros do Trombetas que compartilham da mesma origem e elaboram uma unidade: *ser remanescentes de quilombos*, com a qual estão identificados e são identificáveis por outros. Na atualidade, essa identidade constitui-se no bastião de suas lutas pelo reconhecimento de direitos de ancianidade da ocupação (Acevedo; Castro, 1998, p. 33).

No contexto das comunidades oleiras das margens do rio Itacuruçá em Abaetetuba-PA, a Amazônia é vista como um espaço de resistência cultural e de preservação de saberes e tradições locais. Essas comunidades enfrentam a invisibilidade imposta por uma racionalidade hegemônica e buscam manter suas práticas tradicionais como forma de resistência e reinvenção. Conforme narram:

Sem atentar que AS AMAZÔNIAS operam com outros sentidos e significados para a prática do trabalho, sendo possível afirmar, que nas comunidades quilombolas da região do Itacuruçá “o saber se entrelaça e faz parte de um grande emaranhado com o afetivo, o social, o cultural, o histórico e o político, possibilitando uma identidade própria, preservada pela perpetuação de seus costumes e de suas tradições, ao longo dos séculos, e pela transmissão destes pelos mais velhos aos mais novos” (Cardoso; Haje, 2016, p. 111 *apud* Ávila, 2019, p. 9-10).

Otacílio Amaral Filho, em seu estudo sobre a “Marca Amazônia”, aborda a Amazônia como uma construção simbólica e mercadológica. Ele destaca que a Amazônia é frequentemente utilizada como uma marca que agrega valor econômico aos produtos e serviços, representando biodiversidade, desenvolvimento sustentável, meio ambiente e preservação. Como grafia o autor:

A marca Amazônia está na mídia como um discurso cultural, econômico, ecológico e científico, mas o que nos interessa aqui é defini-la como um elemento do sistema de signos da publicidade, logo, como uma proposição ideológica que envolve nomeações, conceitos e imagens com a finalidade precípua de persuadir e seduzir para a compra da mercadoria (Amaral Filho, 2016, p. 58-59).

Essa narrativa midiática transforma a Amazônia em um símbolo global. Através dos meios de comunicação, a Amazônia é promovida como uma região de importância vital para a sustentabilidade do planeta. A mídia realça sua biodiversidade única e as tradições culturais das populações indígenas, ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de preservação

ambiental.

Além disso, o uso da Amazônia como uma marca também tem implicações econômicas significativas. Produtos e serviços que utilizam o nome e a imagem da Amazônia muitas vezes ganham um valor agregado, apelando aos consumidores que associam a região a práticas sustentáveis e ecologicamente corretas. Dessa forma, a Amazônia não é apenas um local geográfico, mas um poderoso símbolo ideológico que serve a múltiplos interesses globais.

Essa construção simbólica e mercadológica da Amazônia, portanto, reflete uma complexa interação entre cultura, economia, ecologia e ciência. Enquanto promove a preservação e sustentabilidade, também levanta questões sobre a exploração e a autenticidade das representações midiáticas. Amaral Filho convida os leitores a refletirem sobre como essas narrativas influenciam a percepção e as ações em relação a essa região tão crucial para o futuro do planeta.

5.1.3 Ancestral

O conceito de ancestral refere-se aos antepassados dos quilombolas, ou seja, os africanos que foram trazidos ao Brasil como escravos e que, posteriormente, fugiram e formaram os quilombos. Os ancestrais são uma parte importante da identidade e da história das comunidades quilombolas. Segundo o Dicionário Online de Português - Dicio (2009 - 2025), “ancestral” é definido como relacionado com antepassados, com pessoas de quem se descende, provém, tem sua origem; familiar mais antigo.

A ancestralidade está ligada à memória coletiva e à preservação das tradições culturais. Como aborda: “Essa conexão abrange não apenas a história familiar, mas também valores, tradições, crenças e práticas que moldam a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade” (Cidesp, 2024). No contexto das comunidades quilombolas, a ancestralidade é fundamental para a manutenção e transmissão de práticas culturais e econômicas, como as olarias.

As olarias na comunidade quilombola do Médio Itacuruçá exemplificam como a ancestralidade influencia e sustenta a vida comunitária. As práticas tradicionais de fabricação de tijolos, telhas e outros objetos de barro ou argila são transmitidas de geração em geração, preservando técnica, valores e identidade cultural dos quilombolas. Essas práticas tradicionais sustentam suas economias e preservam sua cultura.

5.1.4 Comunidade Quilombola

Refere-se ao grupo de pessoas que vivem em um quilombo. Essas comunidades são caracterizadas pela preservação das tradições culturais, religiosas e linguísticas dos seus antepassados africanos. Assim descrito:

As comunidades quilombolas são grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se auto definem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias (Freitas; Rody; Miranda, 2016, p. 28).

Essas comunidades são vistas como coletividades camponesas, definidas pelo compartilhamento de um território e de uma identidade. Além disso, a identidade quilombola é construída a partir da necessidade de lutar pela terra e pela preservação de suas práticas culturais e econômicas. A relação entre território e identidade é fundamental para a definição dessas comunidades. Como abordam:

Por fim, em um aspecto ainda mais amplo, as poucas comunidades quilombolas que ainda resistem ao processo de modernização das culturas representam um patrimônio histórico cultural do Brasil/África, preservando as tradições e costumes das diversas tribos africanas aliado ao sincretismo religioso brasileiro. A preservação destas comunidades não só se reflete no bem estar dos integrantes das mesmas, mas agregam diversos níveis de sustentabilidade à cultura brasileira, e por isso elas devem ser protegidas (Freitas; Rody; Miranda, 2016, p. 34).

As comunidades quilombolas são definidas pela identidade étnica e pelo território que ocupam, sendo reconhecidas legalmente pelo direito constitucional de propriedade sobre suas terras. Elas carregam uma diversidade de processos, incluindo fugas, heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, permanência nas terras ocupadas e compra de terras.

Por isso, de acordo com Domingues e Gomes: “Seja como for, as comunidades quilombolas ressematizam uma memória viva da diáspora africana no Brasil” (Domingues; Gomes, 2013, p. 21). Essas comunidades enfrentam diversos desafios, mas mantêm suas tradições e modos de vida característicos.

5.1.5 Cultura

Segundo Diana ([s.d.], on-line), a cultura é composta por um conjunto de elementos, como tradições, crenças, costumes, conhecimentos, experiências, atitudes, valores, religião, língua, hierarquia, relações espaciais, noção de tempo e conceitos de universo de um grupo social.

Então quando partimos para o conceito de cultura no cenário do artesanato quilombola

das olarias, imaginamos e acreditamos que essa cultura segue uma linha dupla ao representar o conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social. Conforme frisa Cardoso (2012):

A tradição cultural é um fator determinante nesta atividade, pois o ofício de oleiro é repassado de geração a geração. De maneira natural, no convívio coletivo, os mais velhos vão repassando suas experiências e vivências do dia a dia para os que vão chegando, desde cedo, à profissão. Esses sujeitos trabalhadores carregam uma história de vida e trabalho (Cardoso, 2012, p. 82).

Ela é repassada através da comunicação ou imitação às gerações seguintes, sendo a soma de padrões dos comportamentos humanos que envolvem principalmente conhecimentos, experiências, atitudes e valores. Como explica Sodré (2002):

A tradição - entendida como o conjunto de saberes transmitido de uma geração para outra - é uma das vertentes da *Arkhé*, A herança cultural repassada (a tradição é uma forma de comunicação no tempo) faz dela um pressuposto da consciência do grupo e a fonte de obrigações originárias, que se reveste historicamente de formas semelhantes a regras de solidariedade (Sodré, 2002, p. 103).

O que também abordam Pojo e Barreto (2018):

Desse modo, a cultura passa a ser construída através das subjetividades dos sujeitos, através das experiências vivenciadas e dos valores compartilhados ao longo do tempo; assim, ela inexistente como algo que está posta, mas é algo que se constrói por sujeitos que vão se construindo e construindo seus modos de viver em uma sociedade, com características próprias (Pojo; Barreto, 2018, p. 317).

Em termos de características, a cultura é determinada pelo conjunto de saberes, comportamentos e modos de fazer. Possui um caráter simbólico e é adquirida por meio das relações sociais de um grupo. Além disso, é transmitida para gerações posteriores e não é estática, sendo influenciada por novos hábitos. Nota-se que:

As manifestações da cultura do lugar estão imbricadas nos jeitos, nos modos de vida, nas relações de trabalho e se constituem pelos saberes produzidos ao longo de gerações e que são utilizados e reproduzidos pelas novas gerações conservando, de alguma forma, traços culturais de seus antepassados (Pojo; Barreto, 2018, p. 317).

Quando falamos em tipos de cultura, essa se assemelha a dois tipos específicos nesse atravessamento cultural: a cultura popular e a cultura material. A cultura popular está relacionada com as tradições e os saberes, os quais são determinados pelo povo ou pela comunidade em questão, ocorrendo de forma espontânea e orgânica. Como cita: “A cultura popular está intimamente relacionada com as tradições e aos saberes, os quais são determinados pelo povo” (Diana, [s.d.], on-line).

Por outro lado, a cultura material é representada como: “O conjunto de patrimônio

cultural e histórico formado por elementos concretos que ao longo de tempo foram construídos pelo ser humano” (Diana, [s.d.], on-line). Exemplos de cultura material incluem elementos arquitetônicos (igrejas, museus, bibliotecas) e objetos de uso pessoal e coletivo (obras de arte, utensílios, vestimenta). Especificamente, em relação às olarias, temos os utensílios de barro e as construções arquitetônicas deixadas pelos povos africanos escravizados.

Seguindo essa tríade de cultura, podemos citar também a cultura imaterial. Diferente da cultura material, a cultura imaterial é formada pelos elementos intangíveis, que não podemos tocar. Como explica:

Ela representa o conjunto de saberes, tradições, técnicas, hábitos, comportamentos, costumes e modos de fazer de um determinado grupo. Considerada um patrimônio cultural transmitido entre gerações, temos como exemplos as lendas folclóricas, as feiras populares, os rituais, as danças, a culinária, etc (Diana, [s.d.], on-line).

Estão relacionadas também com o modo do saber artesanal das olarias, que são passados de geração em geração. E, para finalizar esta linha de pensamento, Geertz (1989) também conceitua cultura como sendo um:

Padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida (Geertz, 1989, p. 66).

5.1.6 Escravo

Refere-se às pessoas que foram forçadas a trabalhar sem remuneração e sem liberdade, sob condições desumanas. No contexto brasileiro, a escravidão foi uma prática comum até a promulgação da Lei Áurea em 1888, que aboliu a escravidão no país. Os escravos eram trazidos principalmente da África e eram submetidos a trabalhos forçados nas plantações, minas e em outras atividades econômicas. A escravidão deixou um legado profundo na sociedade brasileira, influenciando aspectos culturais, sociais e econômicos. Como o autor descreve:

É também verdade que os escravos formavam a principal categoria de trabalhadores, eram subordinados política, social e economicamente aos senhores, e por isso, inclusive por seu peso numérico, pode-se dizer que constituíam a principal classe subordinada da Bahia na época. Por essa razão, qualquer análise terá de levar em conta o fato de que as relações senhor/escravo constituíam a matriz estruturadora da sociedade e da economia (Reis, 1986, p. 13).

Além disso, durante os quase 400 anos de escravidão no Brasil, muitas gerações de africanos sofreram com as péssimas condições de vida, trabalho e maus tratos. Como Reis

(1986) destaca:

Durante os quase 400 anos que durou, o escravismo brasileiro consumiu muitas gerações de africanos. A população escrava se caracterizava pelo alto índice de mortalidade infantil e curtíssima expectativa de vida, ambos resultado das péssimas condições de vida, trabalho e maus tratos (Reis, 1986, p. 17).

5.1.7 Lei Áurea

A Lei Áurea foi promulgada em 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel, e aboliu oficialmente a escravidão no Brasil. Esta lei marcou o fim de um período de mais de 300 anos de escravidão no país. Este marco histórico trouxe profundas mudanças sociais, econômicas e culturais para o país. Conforme o texto original da lei: “Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brazil. Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário” (Brasil, 1888).

5.1.8 Memória

Memória é a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos. Pode se referir tanto à memória biológica quanto à memória artificial. Essa definição é de Marcoantonio Villanueva Bustamante, um doutor em Psicologia. Ele descreve a memória como: “Um recurso cognitivo por meio do qual conseguimos reter e, posteriormente, acessar informações formadas a partir de experiências anteriores” (Bustamante, 2024, on-line).

Outra definição de memória que pretendemos abordar é a memória de procedimento, como apresenta: “Memória de procedimento: também conhecida como memória não-declarativa, ela é usado no armazenamento de informações que não podem ser expressadas verbalmente, tais como habilidades intelectuais ou motoras, por exemplo” (Equipe editorial de conceito.de, 2012).

No contexto das olarias quilombolas, essa forma de memória é fundamental para a preservação e transmissão das técnicas artesanais. Os artesãos quilombolas das olarias dependem fortemente da memória de procedimento para realizar suas atividades. As habilidades necessárias para moldar o barro, controlar a temperatura do forno e criar peças únicas são adquiridas através da prática repetitiva e da observação dos mestres artesãos.

Essas técnicas são passadas de geração em geração, não por meio de instruções verbais detalhadas, mas através da imitação e da prática contínua. Por exemplo, um jovem aprendiz em uma olaria quilombola aprende a arte de moldar o barro observando e imitando os movimentos dos artesãos mais experientes.

Com o tempo, essas habilidades se tornam automáticas e são armazenadas na memória de procedimento do aprendiz. Esse tipo de memória permite que os artesãos realizem suas tarefas com precisão e consistência, mesmo sem a necessidade de pensar conscientemente sobre cada movimento.

No contexto das comunidades quilombolas, a memória desempenha um papel crucial na preservação e transmissão das tradições culturais, religiosas e linguísticas dos seus antepassados africanos. A ideia de quilombo é apropriada em *narrativas* da memória e transmitida de geração a geração através da *oralidade* (Domingues; Gomes, 2013, p. 10). Isso significa que as histórias, tradições e experiências dos quilombolas são passadas de uma geração para outra, mantendo viva a memória coletiva da comunidade. A memória, nesse caso, não é apenas um registro do passado, mas um elemento ativo na construção da identidade e na luta por direitos e reconhecimento. Como destacam:

Se antes o quilombo era visto como resistência ao processo de escravização do negro, a partir dali ele se converteu em símbolo, não só de resistência pretérita, como também de luta no tempo presente pela reafirmação da herança afro-diaspórica e busca de um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica e cultural (Domingues; Gomes, 2013, p. 10).

Nota-se que, a ressignificação da ideia de quilombo como referência histórica fundamental transforma essa memória em um símbolo poderoso no processo de construção e afirmação social, política, cultural e identitária do movimento negro contemporâneo no Brasil. Antes, os quilombos eram vistos principalmente como formas de resistência ao processo de escravização.

No entanto, com o tempo, eles se tornaram símbolos de resistência contínua, representando não apenas a luta contra a escravidão no passado, mas também a luta atual pela reafirmação da herança afro-diaspórica e pela construção de um modelo brasileiro que valorize a identidade étnica e cultural. Conforme ressaltam:

Apropriada em narrativas da memória e transmitida de geração a geração através da oralidade, a ideia de quilombo foi ressignificada como referência histórica fundamental, tornando-se, assim, um símbolo no processo de construção e afirmação social, política, cultural e identitária do movimento negro contemporâneo no Brasil (Domingues; Gomes, 2013, p. 10).

A memória, portanto, é um elemento central na manutenção e fortalecimento da identidade quilombola. Ela permite que as comunidades se reconheçam como herdeiras de uma história de resistência e luta, e que continuem a reivindicar seus direitos e a preservar suas tradições culturais. Através da memória, as comunidades quilombolas mantêm viva a

conexão com seus antepassados e reforçam sua identidade coletiva, essencial para a sua sobrevivência e prosperidade.

5.1.9 Quilombola

Quilombolas são os descendentes e remanescentes de comunidades formadas por escravizados fugitivos descendentes de africanos (os quilombos) que fugiram das fazendas e formaram seus próprios assentamentos entre o século XVI e o ano de 1888, em áreas remotas do Brasil. Essas comunidades quilombolas são caracterizadas pela preservação de tradições culturais, religiosas, linguísticas, além de possuírem uma forte conexão com a natureza e modos de vida ancestrais. Segundo explica:

A palavra quilombo origina-se do termo *kilombo*, presente no idioma dos povos Bantu, originários de Angola, e significa local de pouso ou acampamento. Os povos da África Ocidental eram, antes da chegada dos colonizadores europeus, essencialmente nômades, e os locais de acampamento eram utilizados para repouso em longas viagens. No Brasil Colonial, a palavra foi adaptada para designar o local de refúgio dos escravos fugitivos. Quilombola é a pessoa que habita o quilombo (Porfirio, 2025).

Os quilombolas são definidos também como remanescentes de comunidades de quilombos que reivindicam a titulação de seus territórios. Eles são caracterizados pela identidade étnica e territorialidade, que são construídas em relação a outros grupos e são fundamentais na luta pelo direito à terra. Como descrevem:

Este sentimento de pertença a um grupo e a uma terra é uma forma de expressão da identidade étnica e da territorialidade, construídas sempre em relação aos outros grupos com os quais os quilombolas se confrontam e se relacionam. Estes dois conceitos são fundamentais e estão sempre inter-relacionados no caso das comunidades negras rurais (Schmitt; Turatti; Carvalho, 2002, p. 4).

A identidade quilombola é vista como uma forma de resistência cultural e material, e a terra é considerada um território impregnado de significações relacionadas à resistência cultural. Assim abordam:

Em tal situação de desigualdade, os grupos minoritários passam a valorar positivamente seus traços culturais diacríticos e suas relações coletivas como forma de ajustar-se às pressões sofridas, e é neste contexto social que constroem sua relação com a terra, tornando-a um território impregnado de significações relacionadas à resistência cultural. Não é qualquer terra, mas a terra na qual mantiveram alguma autonomia cultural, social e, conseqüentemente, a auto-estima (Schmitt; Turatti; Carvalho, 2002, p. 5).

5.1.10 Quilombo

A compreensão dos quilombos envolve diversas adjetivações e distinções, refletindo a

complexidade e a riqueza dessa categoria. Segundo Sansone e Pinho (2008), não é possível falar de quilombos sem adjetivá-los, seja por meio de fórmulas legais que utilizam termos como “remanescentes” ou “contemporâneos”, seja por meio de distinções como “urbanos” e “rurais” ou tipificações como “agrícola”, “extrativista” e “nômade”. Além disso, há a distinção entre “históricos” e “contemporâneos”, que pode servir tanto para especificar quanto para deslegitimar os quilombos atuais.

Depois de adjetivar os quilombos, é necessário definir o conteúdo de cada adjetivo, reconhecendo que esta é uma categoria em disputa. Trata-se de um termo polissêmico e aberto, com grandes variações empíricas ao longo do tempo e do espaço. Essa disputa envolve antropólogos, historiadores, a imprensa, o parlamento e as decisões judiciais, fazendo com que o conceito de quilombo seja constantemente redefinido e atualizado.

Como ressaltam Sansone e Pinho (2008, p. 315), o quilombo é uma categoria em disputa, em processo, aberto, não sendo apenas um signo sem significante, mas reconhecendo-se a enorme variedade e riqueza de significados que essa categoria possui.

Essa visão destaca a diversidade e a complexidade dos quilombos, bem como a importância de compreendê-los como fenômenos em constante transformação, que refletem as dinâmicas sociais, políticas e culturais em curso.

- **Diversidade de Significados:**

Quilombos também são assentamentos formados por africanos escravizados que fugiram das fazendas, geralmente localizados em áreas remotas e de difícil acesso, onde os quilombolas podiam viver em relativa liberdade e segurança. Esse sentido destaca a diversidade de significados atribuídos ao quilombo, incluindo resistência, liberdade, rebeldia e solidariedade, além de sua importância como símbolo de identidade negra e luta por cidadania plena. Como citam Domingues e Gomes:

Quilombo adquiriu diversos sentidos: de resistência e liberdade; rebeldia e solidariedade; esperança e insurgência por uma sociedade igualitária e, no limite, sentido de povo negro. Muitas experiências afro-diaspóricas – de personagens, episódios, movimentos e ações coletivas – remeteram-se à retórica do quilombo. Era a idealização do passado alimentando, em pleno “anos de chumbo”, os anseios de cidadania plena, de emancipação e de reconhecimento da identidade negra (Domingues; Gomes, 2013, p. 10).

- **Dimensão Política:**

Em outra questão, a dimensão política do quilombo é enfatizada, mostrando como esses assentamentos recriaram liberdade e direitos para os fugitivos na sociedade escravista.

Como abordam Acevedo e Castro: “Nessa reconstituição ressalta a dimensão política do quilombo: o lugar dos fugitivos na sociedade escravista, onde recriaram liberdade e direitos” (Acevedo; Castro, 1998, p. 34). Isso explica como os quilombos foram fundamentais na conquista da liberdade e na manutenção da especificidade cultural e territorial dos quilombolas, além de fornecer elementos para a unificação política e representação simbólica. Que de acordo com as autoras:

O quilombo foi a primeira opção à conquista da liberdade, enquanto reivindicação de um outro modo de vida, é fundador de sua territorialidade e permite que mantenham sua especificidade como camponeses. Enquanto produto histórico, fornece elementos explicativos sobre os mecanismos de unificação política, de representação simbólica e de construção de um universo mitológico na existência cotidiana, extremamente importante para manter certas características culturais que atualizam sua etnicidade (Acevedo; Castro, 1998, p. 155).

- **Oposição à Sociedade Escravista:**

A oposição dos quilombos à sociedade escravista é destacada, mostrando como esses assentamentos foram uma projeção da resistência negra na história e no presente. Conforme falam:

A existência do quilombo, revestindo-se de um caráter oposto à sociedade branca escravista, foi a projeção do negro na história e no seu presente. Diríamos que foi o lugar conquistado que, por recriar sua atual existência, tem que se opor às práticas invisibilizadoras (Acevedo; Castro, 1998, p. 212).

- **Formas Comunal de Vida:**

Pra finalizar, Sodré (2002) ressalta que os quilombos não eram apenas espaços de resistência guerreira, mas também representavam formas comunais de vida e organização, sendo designados como “cerca” ou “mocambo” pelos próprios negros. Como explica:

Não foi apenas o grande espaço de resistência guerreira. Ao longo da vida brasileira, os quilombos representavam recursos radicais de sobrevivência grupal, com uma forma comunal de vida e modos próprios de organização. Na verdade, “quilombo” era uma designação de fora (do jargão jurídico da Colônia): os negros preferiam chamar seus agrupamentos de “cerca” ou “mocambo” (Sodré, 2002, p. 68).

5.1.11 Remanescente de Quilombola

Os remanescentes de quilombolas são grupos étnico-raciais que se autodefinem a partir de critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas e com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Esses grupos são descendentes diretos dos quilombolas originais

e continuam a viver nas comunidades quilombolas, preservando as tradições e a cultura herdadas de seus antepassados. A definição e reconhecimento desses grupos são fundamentais para a garantia de seus direitos territoriais e culturais, conforme estabelecido pelo Decreto nº 4.887/2003, que “regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos” (Brasil, 2003), e pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto nº 6.040/2007).

Nisso, a importância das olarias na comunidade quilombola do Médio Itacuruçá é um exemplo de como essas comunidades utilizam práticas tradicionais para sustentar suas economias e preservar sua cultura. As olarias não são apenas uma fonte de renda, mas também um símbolo da resistência e da identidade cultural dos quilombolas.

Nesse contexto, a resistência continua a ser a palavra-chave para as comunidades remanescentes de quilombo no Brasil, que enfrentam desafios contínuos para garantir seus direitos territoriais e culturais. Como destacam Quintans e Souza Jr. (2011, p. 55 *apud* Gay; Quintans, p. 22):

Todos estes dispositivos têm, como objetivo central, assegurar a possibilidade de sobrevivência e florescimento de grupos dotados de cultura e identidade étnica próprias, ligadas a um passado (e ao presente) de resistência à opressão, os quais, privados do território em que estão assentados, tenderiam a desaparecer, absorvidos pela sociedade envolvente (Quintans; Souza Jr., 2011, p. 55 *apud* Gay; Quintans, p. 22).

5.1.12 Tradição Oral ou Narrativa

A tradição oral é a transmissão de conhecimentos, histórias, valores e práticas culturais de geração em geração, sem o uso de escrita. É fundamental para a preservação da identidade cultural de diversos povos. Como narra: “Através da tradição oral, mitos, lendas, canções, contos e ensinamentos são passados de pais para filhos, garantindo que a sabedoria acumulada ao longo dos anos não se perca” (Julia, 2024).

Isso ressalta a importância da tradição oral na transmissão de conhecimentos e valores culturais, garantindo que a sabedoria acumulada ao longo dos anos seja preservada e passada para as gerações futuras. No contexto das comunidades quilombolas, a tradição oral é essencial para manter viva a memória e a identidade cultural dos antepassados.

Sodré (2002) enfatiza que o conhecimento simbólico é transmitido através de narrativas e histórias, adaptáveis às diferentes circunstâncias. Nas comunidades quilombolas, essa forma de transmissão é crucial para a preservação das tradições e práticas culturais, que

são passadas de geração em geração através da oralidade. Conforme explica o autor: “O conhecimento simbólico não se transmite por enunciados axiomáticos, mas pela narrativa — em geral, pequenas histórias adaptáveis às variadas circunstâncias de lugar e tempo” (p. 175). Esse mesmo autor também aborda a questão da oralidade e da espacialidade:

Nessas categorias, o homem da tradição é sempre visto como um sujeito da espacialidade (sem história), da oralidade (sem escrita) ou da festa (sem trabalho). Mas o que fica evidente nas confrontações culturais é que nenhuma destas características de “arcaico” ou “selvagem” se apreende realmente por uma falta (“sem”), ou seja, que a oralidade não se entende pela “falta da escrita” ou a espacialidade pela “falta de história” (Sodré, 2002, p. 174).

Nessa parte, o autor acentua que a oralidade e a espacialidade não devem ser vistas como uma falta de escrita ou de história, mas como formas legítimas de transmissão de conhecimento e cultura. Nas comunidades quilombolas, a oralidade é uma forma poderosa de preservar e transmitir a história e as tradições culturais.

Cardoso (2012) ressalta também a importância da memória de vida e das raízes quilombolas:

No entanto, em relação à memória de vida, às suas raízes quilombolas, que é a cultura e as tradições transmitidas pelos mais velhos, nos dias de hoje, já está quase perdida, principalmente pela morte dos membros mais velhos da comunidade. Junte-se a isso, a desmotivação das novas gerações de dar continuidade ao legado cultural dos mais antigos por ser este, em quase sua totalidade, transmitido oralmente (Cardoso, 2012, p. 59).

Ela revela a preocupação com a perda da memória e das tradições quilombolas, principalmente devido à morte dos membros mais velhos e à desmotivação das novas gerações em dar continuidade ao legado cultural. Contudo sabe-se que tradição oral é fundamental para a preservação dessas memórias e tradições, e é crucial incentivar as novas gerações a valorizar e manter viva essa forma de transmissão cultural.

6. METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa foi a qualitativa, que se baseia na comunicação como elemento central da observação participante. Segundo Gil (2008), “A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa” (p. 100).

A pesquisa qualitativa é adequada para estudos que buscam compreender fenômenos complexos e contextuais, permitindo uma análise aprofundada das interações sociais e

culturais.

6.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

De acordo com Gil (2008), Severino (2013) e Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa pode ser classificada quanto aos seus objetivos, natureza e procedimentos. Nesta pesquisa, adotaremos a seguinte classificação:

6.1.1 Objetivos

A pesquisa é exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno (Gil, 2008).

6.1.2 Natureza

A pesquisa é qualitativa (Severino, 2013), pois busca compreender a comunicação e as interações sociais nas olarias da comunidade quilombola Médio Itacuruçá.

6.1.3 Procedimentos

Foram utilizados métodos de observação participante e entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados. Segundo Marconi e Lakatos (2003):

A observação participante permite ao pesquisador imergir no ambiente estudado, compreendendo as dinâmicas sociais e culturais de forma mais aprofundada. As entrevistas semiestruturadas serão utilizadas para obter informações detalhadas dos trabalhadores das olarias, seguindo os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos (Marconi; Lakatos, 2003, p. 194).

Gil (2008) também destaca que:

Essas entrevistas são muito utilizadas em estudos exploratórios, com o propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. Mas também podem ser utilizadas para investigar um tema em profundidade, como ocorre nas pesquisas designadas como qualitativas (Gil, 2008, p. 114).

6.2 ESCOLHA DO OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo é a comunicação nas olarias da comunidade quilombola Médio Itacuruçá. A escolha deste objeto se justifica pela importância da comunicação na transmissão de conhecimentos e valores culturais, conforme destacado por De Castro (2021) em sua obra “O Vestido Vermelho”. Que de acordo com De Castro (2021):

Observamos que as relações recíprocas que estabelecemos, e através das quais nos comunicamos, estão permeadas pela intersensorialidade, ou seja, pela comunicação através da qual os sentidos do corpo, providos de cultura, são agentes fundamentais para a realização da intersensorialidade (De Castro, 2021, p. 1).

6.3 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A técnica de coleta de dados utilizada foi a observação participante, complementada por entrevistas semiestruturadas. Segundo Marconi e Lakatos (2003) a observação participante consiste na: “Participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (p. 194).

6.4 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi realizada por meio da análise qualitativa, conforme descrito por Gil (2008, p. 175). Esta técnica permite identificar e categorizar temas recorrentes nas falas dos entrevistados, proporcionando uma compreensão mais profunda das interações comunicativas nas olarias.

Segundo Berelson (1952, p. 13, *apud* Gil, 2008, p. 152), a análise qualitativa é uma técnica de pesquisa que visa a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. Esta técnica é amplamente utilizada em pesquisas qualitativas para interpretar dados textuais e identificar padrões e significados subjacentes.

A análise qualitativa foi conduzida em três etapas principais:

1. **Pré-análise:** nesta etapa, foi realizada a leitura flutuante dos dados coletados, seguida pela organização do material e formulação de hipóteses. A pré-análise tem como objetivo preparar o material para a análise propriamente dita, identificando unidades de registro e categorias temáticas.
2. **Exploração do material:** nesta fase, foram codificadas as unidades de registro identificadas na pré-análise. A codificação envolve a segmentação do texto em unidades menores, que serão classificadas em categorias temáticas. Esta etapa é crucial para a sistematização dos dados e a identificação de padrões recorrentes.
3. **Tratamento dos resultados e interpretação:** a última etapa consistiu na interpretação dos dados codificados, buscando relacionar as categorias temáticas com os objetivos da pesquisa. A interpretação dos resultados permitiu a construção de inferências e a

formulação de conclusões sobre as interações comunicativas nas olarias.

6.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos trabalhadores que responderam às entrevistas foram:

6.5.1 Critérios de Inclusão

1. **Gênero:** homens.
2. **Idade:** adultos com idade entre 18 e 65 anos.
3. **Experiência:** trabalhadores com pelo menos 1 ano de experiência nas olarias da comunidade quilombola Médio Itacuruçá.
4. **Residência:** residentes na comunidade quilombola Médio Itacuruçá.
5. **Consentimento:** trabalhadores que concordem em participar voluntariamente da pesquisa e assinem o termo de consentimento livre e esclarecido.

6.5.2 Critérios de Exclusão

1. **Gênero:** mulheres e menores de 18 anos.
2. **Experiência:** trabalhadores com menos de 1 ano de experiência nas olarias.
3. **Residência:** não residentes na comunidade quilombola Médio Itacuruçá.
4. **Consentimento:** trabalhadores que não concordem em participar da pesquisa ou não assinem o termo de consentimento livre e esclarecido.

6.6 JUSTIFICATIVA DA AMOSTRA

A seleção de 10 trabalhadores, de distribuíram entre atuais e ex-funcionários que tenham trabalhado nas olarias da comunidade quilombola Médio Itacuruçá, foi determinada com base nos seguintes critérios:

1. **Representatividade:** a amostra de 10 trabalhadores permite incluir diferentes perfis ocupacionais, garantindo que as diversas funções e perspectivas dentro das olarias sejam representadas.
2. **Viabilidade:** considerando o tempo e os recursos disponíveis para a pesquisa, a escolha dos 10 trabalhadores se tornou viável e manejável.
3. **Qualidade dos Dados:** uma amostra de 10 trabalhadores permite uma coleta de dados mais detalhada e qualitativa.
4. **Diversidade de Experiências:** ao selecionar trabalhadores com diferentes níveis

de experiência e funções dentro das olarias, a pesquisa pode capturar uma ampla gama de experiências e conhecimentos.

Essa seleção cuidadosa enriquece a análise e contribui para a identificação de padrões e tendências relevantes. Esses pontos ajudam a justificar a escolha de 10 trabalhadores e demonstram a importância de uma amostra bem selecionada para a qualidade e relevância da pesquisa.

6.7 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada entre os meses de fevereiro e março de 2025, com a participação de 10 trabalhadores de três das olarias do Médio Itacuruçá, sendo barreiristas, oleiros, foguistas, telheiros, supervisores e estivadores. O período de campo envolverá entrevistas e observações para capturar as práticas e vivências desses trabalhadores em suas funções.

6.8 ANÁLISE DOCUMENTAL

A análise documental foi empregada como técnica de coleta de dados, conforme destacado por De Castro (2021) em sua obra “O Vestido Vermelho”. Esta técnica é valiosa para a coleta e interpretação de dados em diversos campos de estudo, proporcionando uma visão aprofundada e diversificada dos temas investigados.

6.9 SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A pesquisa contou com a participação de 10 trabalhadores diretamente envolvidos na produção artesanal de olarias no quilombo Médio Itacuruçá. A seleção dos entrevistados foi feita considerando sua experiência na olaria, abrangendo diferentes funções dentro do processo produtivo. Dessa forma, o estudo contemplou desde proprietários de olarias até barreiristas, que são responsáveis pela extração da matéria-prima.

Os entrevistados e suas funções foram:

- **Domingos Maciel Pinheiro** – Ex-proprietário de olaria, com mais de 55 anos de experiência no setor.
- **Odinaldo Pinheiro da Costa** – Ex-proprietário de olaria, com cerca de 30 anos de experiência.
- **Aladim de Deus Pinheiro** – Proprietário da olaria, com 65 anos de experiência na produção de telhas.

- **Antonio Creuzo Diogo do Couto** – Barreirista com mais de 30 anos de experiência.
- **Carlos Humberto Carvalho do Couto** – Ex-barreirista, com cerca de 30 anos de experiência.
- **José Alaildo Costa Ferreira** – Ex-oleiro com 16 anos de experiência na modelagem de tijolos e telhas.
- **Roberto Carlos Baia da Costa** – Oleiro responsável pela modelagem do barro, com mais de 20 anos de experiência.
- **Evanildo Carvalho do Couto** – Ex-foguista com aproximadamente 25 anos de experiência.
- **Nildo Costa Couto** – Ex-telheiro com 20 anos de experiência.
- **Eliel Carvalho da Luz** – Estivador com aproximadamente 25 anos de experiência e controle de qualidade.

A amostra foi composta por trabalhadores de diferentes faixas etárias e níveis de experiência, garantindo uma visão ampla sobre a evolução, os desafios e a comunicação dentro das olarias.

6.9.1 TÉCNICA UTILIZADA

Para a coleta de dados, foi adotada a técnica de entrevistas semiestruturadas, realizadas presencialmente em Abaetetuba, Pará. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, e posteriormente transcritas para análise qualitativa. O formato semiestruturado permitiu que os entrevistados compartilhassem experiências pessoais, desafios e percepções sobre o futuro das olarias.

Os principais temas abordados foram:

1. A hierarquia e a estrutura de poder dentro das olarias.
2. Os impactos da modernização na produção artesanal.
3. A relação entre comunicação e a transmissão de saberes.
4. A escassez de matéria-prima e a concorrência com a indústria cerâmica.
5. As condições de trabalho e os desafios enfrentados na atividade.

6.9.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Algumas limitações foram identificadas ao longo do estudo:

1. **Recorte territorial:** A pesquisa se concentrou no quilombo Médio Itacuruçá, não

sendo possível generalizar os resultados para outras comunidades quilombolas.

2. **Número de entrevistados:** Apesar de representar diferentes funções dentro das olarias, a amostra de 10 participantes pode não abranger todas as nuances da produção.
3. **Declínio da atividade:** O número reduzido de olarias em funcionamento dificultou a coleta de dados atualizados sobre a rotina produtiva.
4. **Fatores externos:** A influência da globalização e do crescimento de novas atividades econômicas (como o manejo do açaí) impactam a continuidade da prática oleira, podendo influenciar as respostas dos entrevistados.

A pesquisa evidencia que a olaria no quilombo Médio Itacuruçá é mais do que uma atividade econômica: trata-se de um patrimônio cultural em risco. A entrevista semiestruturada se mostrou uma técnica eficaz para captar a dimensão histórica, social e econômica dessa atividade, trazendo perspectivas únicas de quem vivenciou a realidade das olarias ao longo das décadas.

7. CRONOGRAMA

Aqui está o cronograma de atividades:

Mês/Ano	Atividade
Fevereiro de 2025	Início da coleta de dados para a pesquisa, com a participação de 10 trabalhadores das olarias.
Fevereiro de 2025	Continuação da coleta de dados.
Março de 2025	Conclusão da coleta de dados.
Após março de 2025	Análise dos dados coletados, elaboração do relatório final e apresentação dos resultados.

Observação: este cronograma fornece uma visão geral dos principais eventos e marcos relacionados às olarias na comunidade quilombola Médio Itacuruçá. Ele também destaca o período proposto para a coleta de dados para a pesquisa.

8. ANÁLISE E RESULTADOS DAS OLARIAS NO QUILOMBO DO MÉDIO ITACURUÇÁ.

O Médio Itacuruçá, região histórica do quilombo, é conhecido por sua tradição de olarias. No passado, existiam aproximadamente 28 olarias nesta área, mas, atualmente, apenas

10 delas permanecem. Dessas, somente 3 estão em operação. Esta análise visa detalhar o estado atual das olarias, focando na importância cultural e econômica das olarias que ainda operam, especialmente a olaria São Jorge, de Zé Gomes, que se destaca pela continuidade da prática de impressão do nome nos tijolos e telhas, uma tradição das olarias mais antigas.

8.1 SITUAÇÃO ATUAL DAS OLARIAS

Vamos observar as informações fornecidas sobre cada olaria e sua atual condição de operação:

8.1.1 Importância das Olarias do Médio Itacuruçá

As olarias do Médio Itacuruçá são de grande importância cultural e histórica, pois representam a tradição e o conhecimento transmitidos ao longo de gerações. As olarias mais antigas se diferenciavam por imprimir o nome da olaria nos tijolos e telhas durante a fabricação, prática que garantia a identidade e a qualidade do produto.

Esta prática era um símbolo de orgulho e herança, enquanto as olarias mais recentes não mantiveram essa preocupação. Entre as olarias que ainda estão em operação, destacam-se a olaria Paz, de Alemão e a de Carlão. Na tabela 1 estão as informações atualizadas das olarias do Médio Itacuruçá com base na pesquisa de campo:

Tabela 1 – Olarias Quilombolas do Médio Itacuruçá

Nome do Proprietário	Nome da Olaria	Localização	Em Operação
Ademilson	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Agostinho	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Alemão	Paz	Médio Itacuruçá	Sim
Bico	São Domingos	Médio Itacuruçá	Não
Branco do Pajeroba	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Buruá	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Carlão	Paz	Médio Itacuruçá	Sim
Diquinho Costa	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não

Duca	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Elizeu (1)	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Elizeu (2)	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Erpídio	Abaeté	Médio Itacuruçá	Não
Jaranda	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Lozo	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Sim
Mimico	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Mira	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Neneca	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Nezito	Sem identificação	Médio Itacuruçá, perto do Aricuru	Não
Odinaldo	Exemplar	Médio Itacuruçá	Não
Pintinho	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Sadraque	Maranata	Médio Itacuruçá	Não
Sandro	Fé em Deus	Médio Itacuruçá	Não
Seu Eraldo	Deus é Amor	Médio Itacuruçá	Não
Surico	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Tio Buruca	Fé em Deus	Médio Itacuruçá	Não
Tio Júlio	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Tio Reba	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Velho Bique	Bom Futuro	Médio Itacuruçá, perto do Alto	Não

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

8.1.2 Região das Olarias do Médio Itacuruçá

O Médio Itacuruçá é uma área marcada pela presença de diversas olarias que

funcionaram ao longo do tempo. A região é reconhecida pela produção artesanal de tijolos e telhas, sendo as olarias Paz e a do Lozo, ainda em operação. A conservação do trabalho artesanal ocorre principalmente nas poucas olarias que ainda estão em operação. Isso responde à pergunta: onde essa conservação ocorre especificamente dentro do quilombo? Existem áreas ou comunidades mais ativas na preservação do trabalho artesanal?

8.1.3 A Primeira Olaria

A olaria São Jorge, localizada às margens do rio Itacuruçá e fundada por Zé Gomes, é a primeira olaria a surgir nesta área. Ela se destaca não só pela sua longevidade, mas também pela manutenção da tradição de imprimir o nome nos produtos, preservando a identidade cultural e histórica da região.

A preservação das práticas tradicionais nas olarias, como a impressão do nome nos tijolos e telhas, é crucial para manter a história e a identidade cultural do Médio Itacuruçá. As olarias localizadas às margens do rio Itacuruçá representam a resistência e a continuidade dessa tradição, com a olaria São Jorge de Zé Gomes sendo um símbolo dessa preservação histórica.

Tabela 2 – Olarias Localizadas às Margens do Rio Itacuruçá

Nome do Proprietário	Nome da Olaria	Localização	Em Operação (Sim/Não)
Ademilson	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Agostinho	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Alemão	Paz	Médio Itacuruçá	Sim
Bébé Barão	Sem identificação	Baixo Itacuruçá, perto do Arapapú	Não
Bico	São Domingos	Médio Itacuruçá	Não
Branco do Pajeroba	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Buruá	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Carlão	Paz	Médio Itacuruçá	Sim
Cazuza	Liberdade	Baixo Itacuruçá	Não

Diquinho Costa	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Dolor	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não
Duca	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Elizeu (1)	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Elizeu (2)	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Enéias	Boa esperança	Baixo Itacuruçá	Não
Erpídio	Abaeté	Médio Itacuruçá	Não
Franci	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não
Gompa	Livramento	Alto Itacuruçá, perto do Pitinga	Não
Jacó	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não
Japaca	Hei de vencer	Baixo Itacuruçá	Não
Jaranda	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
João Gomes	São Jorge	Baixo Itacuruçá	Sim
Kelé/ Marivaldo	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Sim
Lozo	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Sim
Malaquias	Sem identificação	Baixo Itacuruçá, perto do Ipanema	Sim
Manasses/ Marinei	Sem identificação	Baixo Itacuruçá, perto do Aricuru	Não
Manoel Ambrósio	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não
Mariano	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não
Mário Quaresma	Pedrinha	Baixo Itacuruçá	Não
Mesaque	Confiança	Baixo Itacuruçá	Não
Mimico	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Mira	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não

Neneca	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Nezito	Sem identificação	Médio Itacuruçá, perto do Aricuru	Não
Odinaldo	Exemplar	Médio Itacuruçá	Não
Padilha	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não
Pedro Gomes	Liberdade	Baixo Itacuruçá	Não
Pintinho	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Raimundo Filho	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Sim
Ramos Quaresma	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não
Sabá Bode	Sem identificação	Alto Itacuruçá	Não
Sadraque	Maranata	Médio Itacuruçá	Não
Sandro	Fé em Deus	Médio Itacuruçá	Não
Seu Cláudio	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não
Seu Eraldo	Deus é Amor	Médio Itacuruçá	Não
Surico	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Tio Buruca	Fé em Deus	Médio Itacuruçá	Não
Tio Feliz/Mateus	Idequel	Baixo Itacuruçá	Não
Tio Júlio	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Tio Reba	Sem identificação	Médio Itacuruçá	Não
Velho Bique	Bom futuro	Médio Itacuruçá, perto do alto	Não
Zé Fonseca	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não
Zé Gomes	São Jorge	Baixo Itacuruçá	Sim
Zezé	Sem identificação	Baixo Itacuruçá	Não

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

8.2 ANÁLISE DOS DADOS ATUALIZADA

Das 28 olarias existentes na região do Médio Itacuruçá, apenas 3 permanecem em operação, representando aproximadamente 11% do total. As olarias em operação são: a olaria Paz de Alemão, a olaria Paz de Carlão e a olaria do Lozo. As 25 olarias que não estão em operação representam aproximadamente 89% do total das olarias na região.

Essa análise mostra uma significativa inatividade das olarias na região do Médio Itacuruçá, com a grande maioria (89%) das olarias fora de operação. Isso pode indicar um impacto econômico relevante na comunidade local, assim como possíveis desafios para a sustentabilidade e a manutenção das práticas tradicionais de olaria.

8.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas revelou que a comunicação dentro das olarias do quilombo do Médio Itacuruçá é um elemento estruturante do ambiente de trabalho, sendo essencial para a organização da produção e a transmissão dos saberes tradicionais. No entanto, os entrevistados apontaram que, ao longo dos anos, essa comunicação tem sido prejudicada pela redução do número de trabalhadores e pelo fechamento de diversas olarias.

A informalidade das relações trabalhistas, a escassez de matéria-prima e a falta de incentivos para a permanência das novas gerações no setor foram identificadas como fatores determinantes para esse enfraquecimento. Além disso, os relatos indicam que a ausência de políticas públicas voltadas para a preservação dessa atividade artesanal compromete ainda mais a sua continuidade.

Apesar das dificuldades, a cultura oleira ainda se mantém como um símbolo da identidade quilombola, sendo transmitida por meio da oralidade e das relações comunitárias, reforçando a necessidade de iniciativas que promovam sua valorização e proteção.

8.3.1 A COMUNICAÇÃO E A ESTRUTURA DAS OLARIAS NO QUILOMBO DO MÉDIO ITACURUÇÁ

Os resultados da pesquisa revelam que a comunicação dentro das olarias do quilombo do Médio Itacuruçá é um elemento estruturante do ambiente de trabalho, sendo um fator determinante para o funcionamento e a organização da produção. Os entrevistados destacaram que a comunicação, apesar de estabelecida, tem sido comprometida ao longo dos anos devido à redução da quantidade de trabalhadores e ao fechamento de diversas olarias.

Domingos Maciel Pinheiro, ex-proprietário e oleiro experiente, enfatiza que, anteriormente, as olarias mantinham uma troca eficiente de informações, possibilitando o

alinhamento entre patrões e empregados. No entanto, com a decadência do setor oleiro na região, essa comunicação tornou-se regular e menos eficaz: “Nessa questão aqui, elas já foram, né? Hoje não são mais, né? Não são mais” (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025).

Odinaldo Pinheiro da Costa reforça esse ponto ao afirmar que, apesar da necessidade de uma comunicação bem estabelecida, o cenário atual é incerto e desfavorável, principalmente devido à escassez de matéria-prima e mão de obra qualificada:

“É muito importante tá supervisionando. [...] Mas hoje infelizmente não teve mais como tocar pra frente, devido todas essas dificuldades que nós estamos enfrentando” (Costa, Odinaldo Pinheiro da, 2025).

Aladim de Deus Pinheiro apresenta um panorama semelhante ao dos demais entrevistados, apontando que a comunicação dentro das olarias já foi muito mais eficiente no passado. Atualmente, com a redução do número de trabalhadores e a falta de renovação no setor, a interação entre os envolvidos no processo produtivo tornou-se limitada e, em muitos casos, insuficiente para garantir a continuidade das atividades. Segundo ele: “Regular é. [...] Porque a parte dela já tá meio se acabando mesmo, né?” (Pinheiro, Aladim de Deus, 2025).

Dessa forma, de acordo com os depoimentos colhidos, pode-se concluir que a comunicação nas olarias do Médio Itacuruçá, embora ainda existente, encontra-se fragilizada. Esse enfraquecimento está diretamente relacionado à diminuição do setor, à falta de investimento e à ausência de incentivos para a permanência das novas gerações no ofício.

8.3.2 A AUTORIDADE E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS OLARIAS DO QUILOMBO DO MÉDIO ITACURUÇÁ

A pesquisa revelou que a estrutura hierárquica dentro das olarias do quilombo do Médio Itacuruçá sempre foi bem definida, com o proprietário da olaria sendo a figura central na tomada de decisões. No entanto, com a redução do número de trabalhadores e o fechamento gradual das olarias, essa hierarquia passou por mudanças, tornando-se menos rígida e, em alguns casos, desorganizada.

Domingos Maciel Pinheiro reforça que, no auge das olarias na região, a autoridade era bem distribuída, com os trabalhadores mais experientes assumindo um papel de liderança e influência no ambiente de trabalho. Segundo ele: “Pelo menos eu, a minha experiência que eu tenho, para mim nós era tudo igual, né? [...] Se assentava na mesa para comer peixe, nós ia comer peixe. Se eu sentava na mesa para comer carne, nós ia comer carne, todos nós” (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025).

Esse relato demonstra que, apesar de haver uma hierarquia formal, existia também um senso de igualdade e coletividade entre os trabalhadores, um fator que contribuiu para a longevidade das olarias.

Odinaldo Pinheiro da Costa, por sua vez, afirma que a hierarquia sempre foi bem definida, com o proprietário ocupando a posição mais alta na cadeia de comando. Ele destaca que, embora os trabalhadores antigos tivessem certa influência, a decisão final cabia ao dono da olaria: “Eu penso na minha concepção que é o proprietário” (Costa, Odinaldo Pinheiro da, 2025).

No entanto, Aladim de Deus Pinheiro apresenta uma visão um pouco diferente. Segundo ele, com o declínio do setor oleiro, a autoridade dentro das olarias tornou-se menos clara, pois a falta de trabalhadores e a redução da produção geraram um enfraquecimento da estrutura organizacional. Ele afirma: “Rapaz, eu acho que ela tá assim, mal coisa por causa que... [o trabalho] tá parando mesmo” (Pinheiro, Aladim de Deus, 2025).

Os depoimentos indicam que, enquanto no passado a organização do trabalho nas olarias era mais estruturada, com papéis bem definidos, hoje há uma falta de coordenação devido à precarização do setor. O enfraquecimento dessa hierarquia reflete as dificuldades enfrentadas pelo segmento oleiro, que sofre com a concorrência de grandes cerâmicas e a diminuição do número de trabalhadores qualificados.

8.3.3 A SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA DAS OLARIAS E OS DESAFIOS DA MANUTENÇÃO DA ATIVIDADE

A pesquisa revelou que a olaria já foi a principal base econômica da comunidade do quilombo do Médio Itacuruçá, garantindo o sustento de inúmeras famílias por décadas. No entanto, com a modernização do setor, a concorrência com grandes cerâmicas industriais e a escassez de matéria-prima, a viabilidade econômica da atividade tornou-se cada vez mais difícil.

Domingos Maciel Pinheiro destaca que, em sua época de atuação como proprietário, a olaria era uma fonte segura de renda. Ele chegou a empregar dezenas de trabalhadores e produzia grandes quantidades de telhas e tijolos por mês: “Eu cheguei a trabalhar até com 48 homens, né? Dominava 48 homens no nosso trabalho. [...] E eu produzia uma face de 60, 70 milheiro de telha por mês” (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025).

Porém, ele também ressalta que a extração de argila tornou-se um problema, pois o avanço da produção de açaí tem tomado o espaço das áreas de onde antes se retirava o barro

para fabricação de telhas e tijolos. Ele lamenta essa mudança: “O açaiçal, aonde tem a argila, que é o barro para telha e tijolo, aí o cara já não vai mais tirar o barro, porque vai tirar o açaiçal, que dá o dinheiro todo os dias para ele” (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025).

Odinaldo Pinheiro da Costa reforça essa dificuldade, destacando que a falta de matéria-prima aliada ao alto custo da produção artesanal inviabilizou a continuidade de muitas olarias: “A primeira delas é a falta da matéria-prima, que já tá em escassez. Nos locais aonde tinha foi extraído e já não tem mais. Outros locais foram feitos o plantio de açaí e não tem como extrair mais a matéria-prima” (Costa, Odinaldo Pinheiro da, 2025).

Além disso, ele destaca outro fator determinante: a concorrência com as cerâmicas industriais, que produzem tijolos e telhas em larga escala e a um custo menor, tornando difícil para as olarias artesanais manterem um preço competitivo: “A outra dificuldade que nós temos, que eu penso que é uma das piores, é que nós estamos rodeados de cerâmicas que têm esses equipamentos atualizados e eles conseguem produzir uma produção muito grande” (Costa, Odinaldo Pinheiro da, 2025).

Aladim de Deus Pinheiro também aponta que a sustentabilidade financeira da olaria já não é suficiente para garantir o sustento das famílias, como era no passado. Ele afirma que os custos operacionais aumentaram enquanto a demanda pelos produtos artesanais diminuiu: “Não é suficiente, porque sobre os materiais que nós compramos, seja a lenha, a argila que a gente trabalha, e os trabalhadores, tudo vai subindo, subindo” (Pinheiro, Aladim de Deus, 2025).

Dessa forma, os resultados da pesquisa indicam que a atividade oleira no quilombo do Médio Itacuruçá encontra-se em um estágio de declínio econômico, enfrentando desafios estruturais que comprometem sua continuidade. A ausência de incentivos governamentais, a dificuldade de acesso à matéria-prima e a concorrência desleal com indústrias cerâmicas modernas tornaram o setor vulnerável. Caso não sejam implementadas políticas públicas voltadas para a valorização e modernização das olarias artesanais, a tendência é que essa atividade desapareça gradualmente da região.

8.3.4 AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E A QUALIDADE DE VIDA DOS OLEIROS

A pesquisa também trouxe à tona aspectos fundamentais sobre as condições de trabalho nas olarias do quilombo do Médio Itacuruçá. Historicamente, os oleiros enfrentaram uma rotina árdua, caracterizada por trabalho braçal intenso, longas jornadas e exposição a

riscos físicos. A falta de infraestrutura adequada, a ausência de equipamentos de segurança e a informalidade dos contratos são desafios que acompanham a profissão há décadas.

Domingos Maciel Pinheiro relembra que, apesar da dura realidade enfrentada pelos trabalhadores, havia uma relação de respeito entre patrões e empregados, o que ajudava a amenizar as dificuldades do dia a dia:

Para mim, nós era tudo igual, né? Se assentava na mesa para comer peixe, nós ia comer peixe. Se eu sentava na mesa para comer carne, nós ia comer carne, todos nós. Eu não separava o peixe para o empregado e a carne para mim, não (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025).

Essa fala reflete um ambiente de trabalho baseado em laços comunitários, onde a solidariedade desempenhava um papel importante. No entanto, mesmo com essa proximidade entre os trabalhadores, os desafios estruturais da profissão eram evidentes.

José Alaildo Costa Ferreira destaca que a falta de investimentos na modernização das olarias tornou o trabalho mais penoso ao longo do tempo. Ele argumenta que a ausência de máquinas eficientes e a precariedade da infraestrutura aumentam os riscos e reduzem a produtividade. Ele explica: “Tem vezes que não tem essa pessoa. [...] tem vez que é só uma pessoa. Aí corta no tanque e joga na maromba e amassa [...] Mais cansativo e mais perigoso” (Ferreira, José Alaildo Costa, 2025).

Além disso, José Alaildo relata os riscos significativos enfrentados durante o trabalho no ambiente oleiro: “De repente a gente escorrega lá e a máquina pega a gente, quando tem acontecido esses casos aí, né? [...] Aí é complicado, muito complicado” (Ferreira, José Alaildo Costa, 2025).

A fala de José Alaildo expõe uma realidade alarmante: a informalidade e a falta de regulamentação do trabalho oleiro colocam os trabalhadores em situações de risco extremo, sem qualquer tipo de amparo legal ou previdenciário. Ele também menciona: “Às vezes quando a gente pega um barro assim que tem, tinha muita pedra, era muito complicado, tinha vezes que não fazia nada por dia, era muita pedra mesmo” (Ferreira, José Alaildo Costa, 2025). Esses trechos ilustram os desafios contínuos enfrentados pelos trabalhadores, destacando as condições inseguras e as dificuldades operacionais que permeiam o setor.

Aladim de Deus Pinheiro complementa essa visão ao afirmar que, com a redução do número de olarias, a competitividade do setor aumentou, tornando as condições de trabalho ainda mais precárias. Ele relata:

Por exemplo, oh, divisão do trabalho a gente enfrenta e também a falta de recursos, né? Porque se o recurso que a gente tem a gente não movimenta. [...] Tinha,

antigamente, há 30 anos atrás, já tinha 180 olarias, oleiros. E agora não se encontra 20, nem 30 (Pinheiro, Aladim de Deus, 2025).

A partir das entrevistas, percebe-se que a deterioração das condições de trabalho impacta diretamente a qualidade de vida dos oleiros. Sem incentivos e garantias mínimas, muitos trabalhadores abandonam a profissão em busca de atividades mais seguras e rentáveis, contribuindo para o processo de enfraquecimento do setor.

Em resumo, a pesquisa evidenciou que a atividade oleira no Quilombo do Médio Itacuruçá enfrenta desafios estruturais profundos. O trabalho continua sendo árduo, perigoso e pouco valorizado, refletindo um histórico de negligência por parte do poder público. A falta de segurança no trabalho, a ausência de infraestrutura adequada e a informalidade dos contratos são questões que precisam ser urgentemente abordadas para garantir a permanência dessa atividade tão importante para a identidade da comunidade.

8.3.5 O FUTURO DAS OLARIAS E AS POSSIBILIDADES DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA OLEIRA

Os resultados da pesquisa indicam que o futuro das olarias no quilombo do Médio Itacuruçá é incerto. O setor enfrenta dificuldades estruturais que vão desde a escassez de matéria-prima até a falta de incentivos governamentais para modernização e preservação da atividade. Além disso, a crescente migração de trabalhadores para outras ocupações, como o manejo do açaí e o comércio, reforça a tendência de declínio da produção oleira na região.

Domingos Maciel Pinheiro expressa grande preocupação com o destino das olarias, destacando que a interrupção dessa atividade significaria não apenas a perda de uma fonte de renda, mas também o desaparecimento de um saber tradicional passado de geração em geração: “Se eu tivesse bom de saúde, a minha olaria tava funcionando. Hoje ela tá parada, né? E as lágrimas correm... de saudade. Dos meus 48 homens que eu cuidava, dos fornos que eu trabalhava” (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025).

Essa fala carrega um forte tom emocional e evidencia o impacto social do fechamento das olarias. Mais do que um simples ofício, a produção oleira representa um modo de vida que estruturou a comunidade por décadas.

Odinaldo Pinheiro da Costa é ainda mais direto ao afirmar que a continuidade das olarias é improvável, caso não haja mudanças significativas na forma como essa atividade é tratada pelo poder público e pelo mercado: “Infelizmente, a gente vê que as olarias estão fechando. A tendência é parar ainda mais” (Costa, Odinaldo Pinheiro da, 2025). Ele aponta

que, sem políticas de incentivo e sem uma estrutura que garanta a competitividade do setor, as olarias artesanais não conseguirão sobreviver diante da concorrência com grandes indústrias cerâmicas.

Aladim de Deus Pinheiro compartilha dessa visão pessimista e destaca que a redução do número de olarias na região demonstra uma crise que se agrava a cada ano. Segundo ele: “No passado, tinham 180 olarias aqui. Hoje, se encontrar 20 ou 30 já é muito” (Pinheiro, Aladim de Deus, 2025). Esse dado é alarmante, pois mostra a dimensão do declínio da atividade na comunidade. A rápida redução do número de olarias indica que, sem intervenção, essa prática pode desaparecer completamente nas próximas décadas.

8.3.5.1 Possibilidades de Preservação

Apesar do cenário desafiador, os entrevistados acreditam que algumas medidas poderiam reverter esse quadro. Entre as sugestões mais citadas estão:

1. **Incentivo Governamental:** a criação de programas de financiamento para modernização das olarias, garantindo acesso a equipamentos mais seguros e eficientes.
2. **Valorização da Produção Artesanal:** campanhas de conscientização sobre a importância cultural das olarias e a valorização de produtos feitos de forma tradicional.
3. **Capacitação e Treinamento:** a oferta de cursos técnicos para os trabalhadores, ajudando-os a melhorar a qualidade da produção e a tornar as olarias mais competitivas.
4. **Regularização do Setor:** a formalização do trabalho oleiro, garantindo direitos básicos como previdência social e segurança no trabalho.

Os relatos evidenciam que a olaria no quilombo do Médio Itacuruçá ainda possui um grande valor cultural e econômico. No entanto, sem investimentos e sem políticas de preservação, a tendência é que essa atividade desapareça, levando consigo não apenas empregos, mas também uma herança cultural de grande relevância para a história local.

8.3.6 O IMPACTO CULTURAL E SOCIAL DAS OLARIAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MÉDIO ITACURUÇÁ

Os resultados da pesquisa deixam evidente que as olarias do quilombo do Médio Itacuruçá vão muito além de uma atividade econômica: elas representam um pilar cultural e

social para a comunidade. O conhecimento transmitido ao longo das gerações e a importância simbólica da produção artesanal de telhas e tijolos consolidaram essa prática como parte da identidade local. O declínio do setor, portanto, não apenas ameaça a subsistência dos oleiros, mas também compromete a preservação do patrimônio imaterial da comunidade.

Domingos Maciel Pinheiro, ao longo de sua entrevista, expressou a relação afetiva que construiu com o ofício da olaria, destacando que o trabalho era mais do que uma simples ocupação – era um legado a ser passado adiante: “Hoje, a nossa decadência é essa. Até porque até a argila que a gente trabalhava... tá em falta. Mas se eu tivesse bom de saúde, a minha olaria tava funcionando” (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025).

Seu relato revela um sentimento de pertencimento e um vínculo emocional profundo com a prática oleira. Mais do que um meio de vida, a olaria era um espaço de construção comunitária, onde os trabalhadores compartilhavam não apenas tarefas, mas também histórias, saberes e valores.

Odinaldo Pinheiro da Costa reforça essa visão ao mencionar a tradição familiar que envolvia o ofício da olaria. Ele cresceu observando o trabalho do pai e da mãe e seguiu seus passos, mantendo viva a herança cultural de sua família: “Desde quando eu me entendi, meu pai já trabalhava nessa função. E eu acabei seguindo a mesma tradição” (Costa, Odinaldo Pinheiro da, 2025).

Essa passagem demonstra que o trabalho oleiro era passado de geração em geração, garantindo a continuidade do conhecimento tradicional e fortalecendo os laços familiares dentro da comunidade.

Aladim de Deus Pinheiro também reconhece a importância de preservar a tradição das olarias, mas ressalta que há um desinteresse crescente entre os jovens em seguir essa profissão. Ele observa:

Agora, soube esse trabalho de olaria, já a família já vai, aqueles que já vão arrumando família, quem não tem outro trabalho, não tem outro ganha-me, aí eles já vão, mas é pouquinho, tá acabando isso. Tá acabando mesmo as olarias (Pinheiro, Aladim de Deus, 2025).

A fala de Aladim reflete o abandono gradual do ofício pelos jovens, que buscam alternativas mais seguras e menos desgastantes, contribuindo para o declínio das olarias como atividade tradicional.

8.3.6.1 As Olarias como Espaço de Construção Social

Além de serem um símbolo cultural, as olarias também desempenharam um papel essencial na construção das relações sociais dentro da comunidade. Para muitos trabalhadores, as olarias foram um ambiente de aprendizado, solidariedade e compartilhamento de experiências. Como relatado por Domingos Maciel Pinheiro: “Eu aprendi isso, se não dá para gravar, aprendi com uma pessoa. Trabalhei sete anos de carteira assinada. Ele me ensinou isso: ‘Quem é que não tem comida aí, venha almoçar comigo’” (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025).

Esse relato reforça que as olarias não eram apenas locais de trabalho, mas espaços de convivência e cooperação. A organização comunitária dentro desses ambientes promovia um senso de união e apoio mútuo entre os trabalhadores.

No entanto, com o fechamento progressivo das olarias, essa dinâmica social também se enfraquece. Domingos Maciel Pinheiro lamenta a falta de incentivo à continuidade da atividade e à manutenção desses espaços de sociabilidade: “A gente tinha essa comunicação. E quem eu dera que voltasse essa tradição” (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025). A perda das olarias significa, portanto, a perda de um ambiente que ia além da produção – era um local de encontros, trocas e construção coletiva de identidade.

A pesquisa demonstra que as olarias não são apenas parte da economia do quilombo do Médio Itacuruçá, mas também um elemento fundamental da cultura e das relações sociais da comunidade. O declínio dessa atividade ameaça não apenas a subsistência dos trabalhadores, mas também a memória coletiva e a identidade do povo quilombola da região.

Diante desse cenário, torna-se essencial a implementação de políticas de valorização e preservação da produção oleira, garantindo que esse saber ancestral não desapareça com o tempo. Sem medidas efetivas, a tendência é que a história das olarias no Médio Itacuruçá se torne apenas um capítulo do passado, sem continuidade no futuro.

8.3.7 A RELAÇÃO ENTRE A OLARIA E O MEIO AMBIENTE

Outro aspecto relevante identificado na pesquisa é o impacto ambiental da atividade oleira no quilombo do Médio Itacuruçá. A extração da argila, o uso de fornos a lenha e o descarte de resíduos são fatores que, ao longo dos anos, contribuíram para transformações na paisagem local. No entanto, a pesquisa também revelou que os trabalhadores têm consciência dos impactos ambientais e buscam alternativas para minimizar os danos, apesar da ausência de regulamentação e incentivos para práticas sustentáveis.

Domingos Maciel Pinheiro destaca que a argila sempre foi um recurso abundante na

região, mas que nos últimos anos tornou-se mais escassa, especialmente devido à concorrência com o cultivo do açaí: “Até a argila que a gente trabalhava... tá em falta. [...] O açazal, aonde tem a argila, que é o barro para telha e tijolo, aí o cara já não vai mais tirar o barro, porque vai tirar o açazal, que dá o dinheiro todo os dias para ele” (Pinheiro, Domingos Maciel, 2025). Isso indica que a exploração dos recursos naturais para a produção oleira perdeu espaço para outras atividades econômicas, o que levanta uma questão importante: a compatibilização da olaria com a conservação ambiental e o uso sustentável da terra.

Aladim de Deus Pinheiro complementa essa análise ao destacar que a lenha utilizada nos fornos representa um dos maiores desafios enfrentados pelas olarias. Ele explica:

E a lenha também, não tem como desmatar mais porque já é só perto da casa que tá os plantivos. Os plantivos, negócios das frutas, banana, açaí, pupunha, o cupuaçu, aí sai aquilo lá para [...] se manter também uma parte da família (Pinheiro, Aladim de Deus, 2025).

O aumento das restrições ambientais e o custo crescente da lenha dificultam ainda mais a permanência das olarias. Apesar desses desafios, Aladim ressalta que práticas sustentáveis são essenciais para garantir a continuidade da atividade sem comprometer os recursos naturais.

José Alaildo Costa Ferreira sugere que o uso de tecnologias mais modernas poderia ajudar a reduzir os impactos ambientais e, ao mesmo tempo, tornar as olarias mais competitivas. Ele afirma: “Na infraestrutura, eu acho. Nas máquinas” (Ferreira, José Alaildo Costa, 2025).

Esse depoimento reflete um desejo de modernização aliado à preocupação com a sustentabilidade, apontando para a necessidade de políticas públicas que incentivem a adoção de práticas ambientalmente responsáveis no setor oleiro.

8.3.7.1 Perspectivas para uma Produção Sustentável

A partir dos relatos dos entrevistados, algumas medidas podem ser propostas para tornar a produção oleira mais sustentável:

1. **Uso de Fornos Ecológicos** – Tecnologias que utilizam menos lenha e emitem menos poluentes podem reduzir o impacto ambiental da queima de tijolos e telhas.
2. **Reflorestamento e Manejo Sustentável da Lenha** – Programas de reflorestamento poderiam garantir uma fonte renovável de madeira para os fornos, reduzindo o desmatamento.
3. **Extração Controlada da Argila** – Criar áreas específicas para a retirada do barro,

com recuperação ambiental após a exploração, evitando degradação do solo e assoreamento de rios.

4. **Apoio Técnico e Incentivos Governamentais** – A introdução de novas tecnologias e a capacitação dos trabalhadores poderiam tornar as olarias mais eficientes e menos impactantes para o meio ambiente.

Os entrevistados reconhecem a importância dessas mudanças, mas apontam que, sem apoio externo, será difícil implementar qualquer medida de modernização. O futuro das olarias depende, portanto, da adoção de estratégias que conciliem preservação ambiental e viabilidade econômica.

A pesquisa mostra que a relação entre as olarias e o meio ambiente no quilombo do Médio Itacuruçá é um desafio que precisa ser enfrentado com urgência. Se, por um lado, a atividade oleira já causou impactos significativos na paisagem local, por outro, os trabalhadores reconhecem a necessidade de práticas mais sustentáveis. A falta de incentivos e políticas públicas voltadas para essa questão, no entanto, impede que medidas concretas sejam adotadas.

Sem mudanças estruturais, a tendência é que as olarias desapareçam não apenas por fatores econômicos, mas também por restrições ambientais cada vez mais rígidas. A única forma de garantir a permanência da atividade é através da implementação de soluções que tornem a produção mais sustentável e compatível com a preservação dos recursos naturais da região.

8.3.8 O TRABALHO NA OLARIA – A PERSPECTIVA DOS OPERÁRIOS

A pesquisa revelou que a estrutura produtiva das olarias no quilombo do Médio Itacuruçá depende de diferentes funções especializadas, cada uma com sua importância dentro do processo produtivo. Barreiristas, oleiros, estivadores, telheiros e foguistas desempenham papéis essenciais na extração da argila, na modelagem das peças, na organização dos produtos para secagem e na finalização do material. Os relatos dos trabalhadores entrevistados evidenciam tanto a importância desse ofício para suas vidas quanto as dificuldades enfrentadas diariamente.

8.3.8.1 A Extração da Argila e as Dificuldades dos Barreiristas

Os barreiristas são os responsáveis pela retirada da argila dos barreiros, um trabalho pesado e exaustivo. Antonio Creuzo Diogo do Couto, que exerce essa função há mais de 34

anos, destaca que a extração do barro tem se tornado cada vez mais desafiadora devido à escassez de matéria-prima e às mudanças no uso da terra. Ele explica:

Está muito longe para a gente conseguir um barreiro, é longe, é 3 horas de viagem. Vamos supor. 3 horas, 3 horas e 20, conforme a embarcação. E as pessoas que têm seus matos preferem plantar do que tirar o barro, porque onde faz uma baixa, não dá para plantar mais nada. Por isso, o barro está ficando mais longe, e quem tem barro perto não quer vender por causa do plantio (Couto, Antonio Creuzo Diogo, 2025).

Carlos Humberto Carvalho do Couto, outro experiente barreirista, reflete sobre as dificuldades enfrentadas no trabalho e menciona como a tecnologia trouxe melhorias significativas. Ele destaca que, antes do advento das lanternas, o trabalho no barreiro era feito utilizando porongas como fonte de luz, o que dificultava as operações, especialmente durante a madrugada. A chegada de tecnologias como a lanterna facilitou enormemente o trabalho nessas condições (Couto, Carlos Humberto Carvalho do, 2025).

A fala de Carlos reforça a importância de incorporar avanços tecnológicos para melhorar as condições de trabalho dos barreiristas, que muitas vezes enfrentavam desafios como a falta de iluminação adequada e condições precárias nos barreiros. Juntas, as declarações de Antonio e Carlos refletem os principais desafios da produção oleira no Médio Itacuruçá, incluindo a crescente distância dos barreiros, a escassez de matéria-prima, a competição por terras utilizadas para cultivo e a necessidade de melhorias estruturais e tecnológicas no setor.

8.3.8.2 A Modelagem e Produção dos Tijolos e Telhas – A Visão dos Oleiros

Dentro das olarias, os oleiros são os responsáveis por moldar a argila e transformá-la em telhas e tijolos. Roberto Carlos Baia da Costa, que trabalha há décadas na produção artesanal, descreve as dificuldades enfrentadas no dia a dia. Ele afirma: “Olha, aqui pra nós mesmo, a gente acorda já, bem dizer na olaria, né? Quando tem argila pra gente trabalhar. Então a gente vem pra cá, chama os companheiros, modela o barro, corta o tijolo e coloca na prateleira, mas por falta de capital” (Costa, Roberto Carlos Baia da, 2025).

Outro oleiro, José Alaildo Costa Ferreira, compartilha sua experiência e destaca a importância do trabalho manual na olaria. Ele relembra: “Eu comecei na olaria praticamente carregando o tijolo, depois fui aprendendo a cortar na cortadeira e, mais tarde, a pisar o barro. Depois que aprendi a pisar o barro, não quis saber de outro serviço” (Ferreira, José Alaildo Costa, 2025).

As falas de Roberto e Alaildo refletem os principais desafios enfrentados pelos

trabalhadores das olarias, como a escassez de recursos e as condições que exigem intenso esforço físico. Essas dificuldades destacam a necessidade de modernização, treinamento e investimentos para preservar a prática artesanal e garantir melhores condições de trabalho.

8.3.8.3 A Organização e Secagem – O Trabalho dos Estivadores

Dentro das olarias, os estivadores desempenham um papel essencial na organização e movimentação dos produtos, garantindo que telhas e tijolos sejam corretamente manuseados durante o processo de produção. Eliel Carvalho da Luz, com mais de 25 anos de experiência na estiva, descreve as etapas e desafios de sua rotina de trabalho. Ele afirma:

Aqui eu chego de manhã às 7 horas. Nosso trabalho é arriar telha para o telheiro produzir, tirando cerca de 3000 bolas por dia. Depois, vou empilhar a lenha até o fim do horário. A gente trabalha com cuidado para não quebrar as telhas e manter a qualidade (Luz, Eliel Carvalho da, 2025).

Eliel Carvalho da Luz também destaca a importância do manejo adequado durante a secagem das telhas. Ele explica que, no verão, o processo leva de quatro a cinco dias, enquanto no inverno pode demorar até duas semanas. Ele ressalta que observar a mudança de cor para branco é fundamental para saber que a telha está seca e pronta para o forno, já que colocá-la ainda verde pode resultar em danos, como trincas e quebras, o que aumenta o risco de prejuízo no processo (Luz, Eliel Carvalho da, 2025).

Suas palavras refletem os desafios enfrentados no trabalho manual, como a escassez de recursos e a ausência de tecnologia avançada, que ainda não está plenamente integrada ao setor. Este cenário evidencia a necessidade de investimentos e melhorias na infraestrutura para aliviar o esforço físico dos trabalhadores e preservar a prática artesanal nas olarias.

8.3.8.4 A Queima das Telhas – A Rotina dos Foguistas

Os foguistas desempenham um papel crucial na produção oleira, sendo os responsáveis por garantir que o processo de queima das telhas e tijolos seja realizado de forma eficiente e sem prejuízos. Evanildo Carvalho do Couto, que trabalhou como foguista por mais de 25 anos, descreve o desafio desse trabalho. Ele explica que o processo de esquentar precisa ser realizado de forma gradual. Ele menciona que começa com um fogo pequeno, que dura aproximadamente 12 horas, e vai sendo intensificado aos poucos até alcançar a temperatura ideal. O fogo mais forte é mantido até chegar aos agulheiros do forno, momento em que se identifica que o material está pronto para ser finalizado (Couto, Evanildo Carvalho do, 2025).

Evanildo ressalta ainda que a exposição constante ao calor intenso é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos fogueiros. Ele comenta: “A dificuldade maior é a queima. O calor pega no rosto, no corpo, e a gente tem que ir perto para jogar lenha embaixo do forno” (Couto, Evanildo Carvalho do, 2025).

Esses relatos demonstram que a queima é uma das etapas mais exigentes e desafiadoras do processo, onde qualquer falha na temperatura pode comprometer todo o material produzido. Além disso, as condições de trabalho, que incluem a falta de equipamentos de proteção adequados, evidenciam a necessidade de melhorias na infraestrutura e segurança para esses trabalhadores.

8.3.8.5 A Produção de Telhas – A Rotina dos Telheiros

Os telheiros desempenham um papel vital na produção artesanal, sendo responsáveis pela modelagem e finalização de telhas que atendem à demanda local. Nildo Costa Couto, que atuou como telheiro por mais de 20 anos, compartilha suas experiências e descreve a rotina árdua desse trabalho. Ele relata:

No tempo que eu trabalhava na olaria, eu levantava às 1 hora da madrugada, tomava meu café e ia embora. Chegava lá e começava a fazer a telha até 1 hora da tarde. Depois, continuava o trabalho, tirando a bola para preparar o dia seguinte (Couto, Nildo Costa, 2025).

Nildo também enfatiza o esforço e dedicação envolvidos na produção diária, especialmente pela falta de assistência no trabalho manual. Ele comenta: “Cheguei a fazer até 1100 telhas por dia. Era tudo sozinho, precisava mesmo era da ajuda de Deus para dar conta, porque o serviço era muito pesado” (Couto, Nildo Costa, 2025).

Esses depoimentos revelam as condições desafiadoras enfrentadas pelos telheiros, que, mesmo com limitações estruturais e ausência de apoio tecnológico, mantêm viva uma prática tradicional essencial para a comunidade.

Os relatos dos barreiristas, oleiros, estivadores, telheiros e fogueiros evidenciam que cada etapa do processo oleiro é marcada por desafios significativos, tanto físicos quanto estruturais, que tornam o trabalho árduo e muitas vezes insalubre. A ausência de modernização, aliada ao desgaste físico e às precárias condições de trabalho, tem contribuído para o enfraquecimento dessa atividade, afastando as novas gerações e colocando em risco a continuidade dessa prática.

Os entrevistados reforçam a necessidade urgente de investimentos em tecnologias

mais avançadas, políticas públicas de incentivo ao setor e melhorias na infraestrutura, como forma de valorizar o trabalho dos profissionais e garantir melhores condições para o desempenho de suas funções. Esses fatores são apontados como indispensáveis para assegurar a sustentabilidade da produção oleira no quilombo do Médio Itacuruçá.

Se tais medidas não forem implementadas, é provável que a profissão continue a sofrer um declínio acelerado, culminando no encerramento de muitas olarias e comprometendo a preservação dessa tradição centenária, que carrega em si a memória e os saberes de gerações.

8.3.9 A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO E O FUTURO DA OLARIA

A pesquisa revelou que a olaria, além de ser um ofício, é um saber transmitido de geração em geração dentro da comunidade do quilombo do Médio Itacuruçá. Entretanto, com o declínio do setor e a falta de interesse das novas gerações, esse conhecimento corre o risco de se perder. Os trabalhadores entrevistados expressaram suas preocupações com o futuro da profissão e apontaram possíveis caminhos para sua preservação.

8.3.9.1 A Importância da Transmissão do Conhecimento

Os trabalhadores mais experientes destacam que aprenderam o ofício ainda jovens, acompanhando e observando seus familiares no dia a dia das olarias. Roberto Carlos, oleiro, relembra suas primeiras experiências no trabalho: ele menciona que começou ainda cedo, ajudando seu pai e desenvolvendo suas habilidades com o tempo, um processo marcado pela prática constante e o aprendizado empírico. No entanto, ele observa que atualmente há um desinteresse crescente entre as novas gerações em seguir essa tradição (Costa, Roberto Carlos Baia da, 2025). Essa tradição oral e prática sempre foi essencial para a manutenção da olaria, mas atualmente há poucos aprendizes dispostos a seguir a profissão.

Antônio Couto, experiente barreirista, destaca que a extração de argila exige um conhecimento aprofundado e habilidades específicas. Ele explica que é necessário avaliar a qualidade do barro, identificando qual tipo é adequado para a produção de telhas e tijolos. Antônio reforça que essa expertise é transmitida de geração em geração, mas observa que o interesse em aprender essas técnicas tem diminuído nos últimos anos (Couto, Antonio Creuzo Diogo, 2025).

Esses depoimentos demonstram que o saber oleiro não é apenas uma técnica, mas um conhecimento profundo sobre os materiais, o tempo e as condições ideais para a produção. Sem novos aprendizes, esse conhecimento pode desaparecer.

A pesquisa demonstra que as olarias no Quilombo do Médio Itacuruçá estão ameaçadas pela falta de sucessão geracional. O conhecimento, antes passado de pai para filho, está se perdendo devido ao desinteresse dos jovens e à ausência de incentivos para a permanência na profissão. Se nenhuma ação for tomada para valorizar e modernizar a produção, a tendência é que o ofício desapareça nas próximas décadas, levando consigo uma tradição centenária e uma parte importante da identidade da comunidade.

8.3.10 REFLEXÕES FINAIS SOBRE A OLARIA NO QUILOMBO DO MÉDIO ITACURUÇÁ

A pesquisa revelou que a atividade oleira no quilombo do Médio Itacuruçá, além de ser uma prática econômica, representa um patrimônio cultural da comunidade. No entanto, os desafios enfrentados pelos trabalhadores, como a falta de matéria-prima, a concorrência com grandes cerâmicas, a precariedade das condições de trabalho e o desinteresse das novas gerações, colocam em risco a continuidade desse ofício.

Os depoimentos dos proprietários, barreiristas, oleiros, estivadores, telheiros e foguistas mostraram que a olaria foi por muitos anos a base econômica da comunidade, mas que, sem incentivos e investimentos, está em processo acelerado de declínio.

A informalidade do trabalho nas olarias representa um dos maiores desafios para os trabalhadores. Sem contratos formais, eles ficam desprotegidos quanto a direitos básicos, como aposentadoria, assistência médica e segurança no trabalho. Além disso, a ausência de regulamentação compromete a sucessão da profissão, pois muitos jovens veem a instabilidade da atividade como um fator desmotivador para continuar na olaria. Isso leva à redução do número de trabalhadores especializados e à gradual perda das técnicas tradicionais, enfraquecendo a identidade cultural da comunidade.

8.3.10.1 A Olaria como Parte da Identidade Cultural

Os trabalhadores entrevistados reforçaram que a olaria vai além da simples produção de tijolos e telhas:

- O barreirista Carlos Humberto destaca que o conhecimento sobre a extração do barro é algo que aprendeu com seu pai e avô, fazendo parte da memória da comunidade.
- O oleiro Roberto Carlos enfatiza que a técnica de modelagem e secagem foi sendo aprimorada ao longo das gerações, passando de família para família.

- O foguista Evanildo Carvalho menciona que a queima do barro nos fornos é uma arte, onde a experiência define a qualidade do produto final.

Dessa forma, a olaria não é apenas um trabalho, mas uma herança cultural que faz parte da história do quilombo do Médio Itacuruçá.

8.3.10.2 Os Caminhos para a Sobrevivência da Ollaria

Diante do risco iminente de extinção da atividade, os trabalhadores acreditam que algumas medidas poderiam ajudar a revitalizar o setor:

1. **Políticas de valorização do trabalho artesanal**, promovendo o reconhecimento do valor histórico e cultural das olarias.
2. **Programas de modernização**, com o acesso a máquinas que reduzam o esforço físico e aumentem a produção.
3. **Projetos de capacitação para jovens**, incentivando a continuidade da tradição oleira através de cursos técnicos e oficinas.
4. **Criação de incentivos fiscais e financiamentos**, permitindo que os pequenos produtores tenham condições de competir no mercado.

A análise e discussão de resultados demonstrou que a olaria no quilombo do Médio Itacuruçá enfrenta desafios estruturais, econômicos e sociais que ameaçam sua existência. O setor, antes responsável pela sustentação de diversas famílias, está sendo lentamente substituído por outras atividades, como o manejo do açaí e o comércio.

Se nenhuma ação for tomada, a tendência é que as últimas olarias da comunidade fechem, resultando não apenas no desemprego de muitos trabalhadores, mas também na perda de um conhecimento ancestral que por gerações foi essencial para a identidade quilombola. A permanência da olaria depende de investimentos, políticas públicas e reconhecimento da sua importância cultural. Sem isso, o ofício será apenas uma lembrança do passado, sem continuidade para as próximas gerações.

Para enfrentar esses desafios, algumas iniciativas poderiam ser adotadas para garantir a preservação da cultura oleira. Uma alternativa viável seria a criação de registros audiovisuais documentando as técnicas tradicionais, facilitando a transmissão do conhecimento para as novas gerações. Experiências bem-sucedidas em outras regiões do Brasil demonstram que a produção de documentários, oficinas comunitárias e parcerias com universidades para digitalizar o saber popular têm sido estratégias eficazes para valorizar e difundir práticas culturais.

Além disso, políticas públicas que incentivem a formalização da atividade, oferecendo incentivos fiscais e acesso a linhas de crédito, poderiam fortalecer a estrutura produtiva das olarias e proporcionar maior estabilidade aos trabalhadores.

Os desafios enfrentados pelos trabalhadores das olarias refletem um processo histórico contínuo de luta por autonomia e reconhecimento. A informalidade, a falta de incentivos e a concorrência desigual com grandes indústrias ameaçam a permanência dessa atividade. No entanto, a olaria não se limita a uma simples prática econômica; ela carrega um valor simbólico que fortalece a identidade quilombola e sua relação com a terra. A partir dessa perspectiva, a conclusão desta pesquisa busca reforçar a importância da valorização dessa tradição e das medidas necessárias para garantir sua continuidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como a comunicação pode ser um instrumento para a conservação da cultura artesanal nas olarias do quilombo Médio Itacuruçá, diante das mudanças socioeconômicas e ambientais atuais. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar que a olaria, mais do que uma simples atividade econômica, representa um patrimônio cultural fundamental para a identidade da comunidade. No entanto, essa prática enfrenta desafios significativos que ameaçam sua continuidade.

O estudo confirmou que a comunicação desempenha um papel essencial na conservação do saber artesanal das olarias, atendendo ao objetivo central da pesquisa. A análise dos relatos dos trabalhadores evidenciou que a transmissão oral dos conhecimentos, a valorização da identidade quilombola e os desafios enfrentados para manter essa atividade ativa são aspectos fundamentais para a compreensão da olaria como um patrimônio cultural. Além disso, o estudo cumpriu seus objetivos específicos ao mapear os impactos da modernização sobre a prática artesanal, identificar os obstáculos enfrentados pelos trabalhadores e discutir a influência das políticas públicas na manutenção dessa tradição.

A análise realizada permitiu confirmar que a olaria no quilombo do Médio Itacuruçá não se resume apenas a uma prática econômica, mas é um elemento essencial da identidade e da memória coletiva da comunidade. No entanto, constatou-se que esse ofício vem enfrentando um processo gradual de declínio, impulsionado por fatores como a escassez de matéria-prima, a concorrência desleal com grandes indústrias cerâmicas, a precariedade das condições de trabalho e a falta de interesse das novas gerações na continuidade dessa tradição.

Outro aspecto relevante identificado foi a relação dialética entre a tradição oleira e as

influências externas. Se, por um lado, há uma resistência na conservação dos métodos tradicionais de produção, por outro, os trabalhadores têm buscado estratégias de adaptação para garantir a sobrevivência da atividade. Isso revela que, apesar da valorização dos métodos herdados ao longo de gerações, o setor se reinventa constantemente, incorporando elementos da modernidade sem perder suas raízes culturais. Essa dinâmica evidencia a capacidade dos trabalhadores em equilibrar tradição e inovação, adotando práticas mais eficientes e sustentáveis sem comprometer os valores que moldam a identidade da comunidade.

O uso de novas tecnologias no processo produtivo e a adaptação às demandas de mercado têm sido exemplos evidentes dessa transformação, permitindo que as olarias permaneçam economicamente viáveis e culturalmente relevantes. Assim, essa relação dialética demonstra não apenas a resistência, mas também a resiliência da cultura oleira diante das adversidades socioeconômicas e ambientais do presente.

Além disso, a pesquisa demonstrou que a comunicação desempenha um papel crucial na conservação do saber artesanal, tanto por meio da transmissão oral entre gerações quanto pela valorização desse conhecimento no espaço público. A ausência de registros formais e de documentação sistematizada sobre as técnicas de produção das olarias foi identificada como um dos desafios para a perpetuação dessa prática. Isso reforça a necessidade de iniciativas que promovam a difusão desse conhecimento, seja por meio de registros escritos, audiovisuais ou de ações educativas voltadas à comunidade e ao público externo.

As contribuições deste estudo se dão tanto no campo acadêmico quanto no âmbito social. Para a pesquisa em comunicação e cultura, o trabalho evidencia como os processos comunicacionais são fundamentais para a manutenção e a ressignificação das práticas tradicionais diante das pressões externas. No campo social, espera-se que as reflexões apresentadas possam servir como subsídio para políticas públicas e projetos voltados à valorização e à salvaguarda da cultura quilombola e do trabalho artesanal.

No entanto, reconhece-se que esta pesquisa possui algumas limitações. A coleta de dados foi realizada em um período específico e com um grupo delimitado de entrevistados, o que impossibilita uma análise mais abrangente sobre a diversidade de percepções e estratégias adotadas por diferentes comunidades quilombolas que enfrentam desafios semelhantes.

Assim, sugere-se que estudos futuros aprofundem a análise das políticas públicas voltadas à conservação das olarias tradicionais, bem como investiguem de forma mais detalhada o impacto da modernização sobre a transmissão intergeracional do saber artesanal.

Nesse sentido, a abordagem da **geografia sensorial das olarias** pode oferecer

informações valiosas, explorando como os aspectos sensoriais – como cheiros, texturas e temperaturas – influenciam não apenas a produção, mas também a experiência dos trabalhadores e sua conexão com o espaço. Além disso, estudos voltados para a **arqueologia das olarias** poderiam ampliar o entendimento sobre a história e a memória dessas práticas, analisando os vestígios materiais deixados no solo e como eles evidenciam a importância cultural e econômica dessa atividade no passado e no presente. Tais investigações poderiam contribuir significativamente para o reconhecimento e a valorização das olarias como um patrimônio vivo e dinâmico.

Diante de tudo o que foi exposto, conclui-se que a conservação da cultura artesanal nas olarias do quilombo Médio Itacuruçá não deve ser vista apenas como uma questão de resistência cultural, mas também como uma estratégia de desenvolvimento sustentável e de afirmação identitária. O reconhecimento e a valorização dessa prática são essenciais para garantir que esse saber ancestral continue sendo parte do patrimônio cultural das futuras gerações, preservando não apenas um modo de produção, mas todo um modo de vida.

A continuidade das olarias reforça a identidade cultural da comunidade e promove a coesão social ao unir diferentes gerações em torno da prática artesanal. Além disso, ainda que em menor escala, a produção artesanal contribui para a economia local. Isso responde à pergunta: qual é a importância dessa conservação para a comunidade quilombola? Como ela contribui para a identidade cultural, coesão social e sustentabilidade econômica?

A cultura material e imaterial dos quilombolas simboliza a força de um legado que desafia as tentativas de apagamento histórico. Embora o homem branco possa tentar legitimar sua presença nessas construções arquitetônicas feitas pelas mãos do povo quilombola e alterar narrativas, jamais conseguirá apagar da memória coletiva a rica diversidade cultural e os saberes trazidos da África para o Brasil. Esses conhecimentos, particularmente na construção civil e na produção artesanal, seguem vivos na prática cotidiana das olarias, reafirmando a identidade e a história dessas comunidades.

Os principais fatores críticos para essa conservação incluem a identidade cultural quilombola, a transmissão intergeracional dos saberes e a continuidade de algumas olarias em funcionamento, apesar das dificuldades econômicas e da concorrência industrial. Isso responde à pergunta: se elas conseguem conservar essa cultura, quais são os fatores críticos que permitem essa preservação?

Ainda que as transformações e adaptações sejam inevitáveis ao longo do tempo, isso não implica necessariamente no desaparecimento da prática. Pelo contrário, há significativos

indícios de que a tradição pode ser ressignificada, encontrando espaço em novas formas de produção que valorizem a sustentabilidade e a comunidade. Para isso, torna-se essencial a implementação de incentivos e ações voltadas à conservação e valorização desse patrimônio vivo, assegurando sua continuidade e relevância.

A conservação das olarias do quilombo não é apenas uma questão cultural, mas também um meio de valorizar práticas sustentáveis e fomentar o turismo cultural. Esse reconhecimento pode trazer benefícios econômicos para a comunidade e incentivar a continuidade da produção artesanal. Isso responde à pergunta: por que é importante guardar e preservar essa cultura do trabalho artesanal? Quais são os benefícios para a comunidade local e para a sociedade em geral?

Por fim, diante dos desafios apresentados, a conservação da cultura artesanal deve ser compreendida não como uma simples nostalgia do passado, mas como um elemento vivo e dinâmico, capaz de dialogar com as novas realidades sociais e econômicas. Essa causa demanda o esforço de todos. Apoiar a conservação das comunidades quilombolas não é apenas um ato de respeito à história, mas também um compromisso com um futuro mais justo e inclusivo. O reconhecimento e a valorização dessas tradições são essenciais para garantir que a cultura quilombola não apenas resista, mas se fortaleça diante das pressões externas.

Diante desses desafios, torna-se indispensável a formulação de políticas públicas que reconheçam e incentivem a continuidade das olarias artesanais. Programas de capacitação técnica, incentivos fiscais para pequenos produtores e o reconhecimento das olarias como patrimônio cultural imaterial poderiam contribuir para a valorização e conservação desse ofício. Além disso, futuras pesquisas poderiam investigar como a tecnologia e a inovação podem ser aliadas no fortalecimento da produção artesanal, sem comprometer a essência dos saberes tradicionais.

Para que essa tradição permaneça como parte do patrimônio imaterial da Amazônia, é imprescindível a implementação de iniciativas concretas que promovam sua valorização. Essas ações devem assegurar não só a sobrevivência econômica das comunidades envolvidas, mas também a continuidade de um modo de vida que reflete a identidade, a resistência e a riqueza cultural de um povo.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros de Trombetas**; guardiães de matas e rios. 2. ed. Belém: Cejup/UFPA-NAEA, 1998.

AMARAL FILHO, Otacílio. **Marca Amazônia**: o marketing da floresta. Curitiba: CRV, 2016.

ÁVILA, Maria Luiza da Silva. **Um outro olhar**: as experiências oleiras das comunidades das margens do rio Itacuruçá em Abaetetuba-PA. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 05, ed. especial, mai. 2019, artigo nº 1522. Disponível em: <https://claec.org/relacult>. Acesso em: 27 jan. 2025.

BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis 2:7**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt-PT/bible/228/GEN.2.7.BPT09DC>. Acessado em: 5 mar. 2025.

BRANDÃO, L. de C.; PORRO, N. S. M.; SANTANA, E. J. **O campesinato em um quilombo da Amazônia**: O caso do Médio Itacuruçá, Abaetetuba, Pará. 2023.

BRANDÃO, Léo. **11TH Hour Brazil - O Dendê Chegou, A Fartura Acabou**. Youtube: Léo Brandão, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DCIJJwrF4U>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. **Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm. Acesso em: 23 jan. 2025.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 23 jan. 2025.

BRASIL. **Lei Áurea**: Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm. Acesso em: 23 jan. 2025.

BRASIL ESCOLA. **Amazônia**. Brasil Escola, 2025. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/amazonia.htm>. Acesso em: 27 jan. 2025.

BUSTAMANTE, M. Villanueva. **Conceito de Memória**. Editora Conceitos, dez. 2024. Disponível em: <https://conceitos.com/memoria/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

CARDOSO, Maria Bárbara da Costa. **Saberes ribeirinhos quilombolas e sua relação com a educação de jovens e adultos da comunidade de São João do Médio Itacuruçá, Abaetetuba/PA**. 2012.

CIDESP. **Ancestralismo**: significado e suas implicações culturais. 04 set. 2024. Disponível em: <https://cidesp.com.br/artigo/ancestralismo-significado>. Acesso em: 23 jan. 2025.

CONCEIÇÃO, G.; LUZ, L. **Os Processos de Subsidência em Abaetetuba-PA e os Impactos Socioeconômicos nos Bairros de São João e São José**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 14., 2023, Abaetetuba. Anais... Abaetetuba: Universidade Federal do Pará, 2023. Disponível em: <https://sinageo.org.br/2023/trabalhos/12/597-558.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2025.

COSTA, Geraldo dos Santos da. **Associação Nova Vida do Médio Itacuruçá, Comunidade de Nossa Senhora de Nazaré do Pau-Podre**: perguntas e respostas. Abaetetuba: Associação Nova Vida, 2013.

COSTA, Odinaldo Pinheiro da. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto**. Abaetetuba, Pará, 2025.

COSTA, Roberto Carlos Baia da. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto**. Abaetetuba, Pará, 2025.

COUTO, Antonio Creuzo Diogo do. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto**. Abaetetuba, Pará, 2025.

COUTO, Carlos Humberto Carvalho do. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto**. Abaetetuba, Pará, 2025.

COUTO, Evanildo Carvalho do. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto**. Abaetetuba, Pará, 2025.

COUTO, Ezerhelderson dos Santos. **A comunicação como instrumento para a conservação da cultura artesanal nas olarias do Quilombo Médio Itacuruçá**: diante das mudanças socioeconômicas e ambientais atuais. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2025. Orientadora: Prof^ª. Dra. Marina Ramos Neves de Castro. Coorientador: William Costa da Silva.

COUTO, Nildo Costa. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto**. Abaetetuba, Pará, 2025.

DE CASTRO, Marina Ramos Neves. **O vestido vermelho: consumo, cultura material e comunicação intersensorial na feira do Guamá, Belém-Pará.** Novos Cadernos NAEA, v. 24, n. 2, 2021.

DIANA, Daniela. **Cultura: o que é, características, elementos e tipos.** Toda Matéria, [s.d.], on-line. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-cultura/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

DICIONÁRIO Online de Português - Dicio, 2009-2025. **Ancestral.** Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ancestral/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio. **Histórias dos quilombos e memórias dos quilombolas no Brasil: Revisitando um diálogo ausente na Lei 10.639/03.** Revista da ABPN, v. 5, n. 11, p. 5-28, jul./out. 2013. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/187>. Acesso em: 27 jan. 2025.

EQUIPE EDITORIAL DE CONCEITO.DE. **Memória - O que é, conceito e definição.** (23 de janeiro de 2012). Atualizado em 18 de julho de 2019. Disponível em: <https://conceito.de/memoria>. Acesso em: 13 fev. 2025.

FERREIRA, José Alaildo Costa. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto.** Abaetetuba, Pará, 2025.

FERREIRA, Luzivan dos Santos Gonçalves. **Gênero de vida ribeirinho na amazônia: reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA.** 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2013.

FREITAS, Paulo Sisto; RODY, Henrique Apolinário; MIRANDA, Maria Geralda. **As comunidades quilombolas e a sustentabilidade: um estudo etnoecológico voltado para a construção de comunidades sustentáveis.** Projectus, v. 1, n. 3, p. 27-35, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320681399>. Acesso em: 27 jan. 2025.

G1. **Entenda o que provoca deslizamentos de terra em Abaetetuba, no PA.** Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/02/27/entenda-o-que-provoca-deslizamentos-de-terra-em-abaetetuba-no-pa.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GAY, Antonia; QUINTANS, Mariana Trota Dallalana. **Movimento negro e a luta por direitos: a participação na ANC e as conquistas na Constituição Federal Brasileira.** Publica Direito. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=7d7733c8d01b7352>. Acesso em: 13 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Abaetetuba**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/abaetetuba/panorama>. Acesso em: 30 jan. 2025.

ITERPA. **Mapa: territórios quilombolas ilhas de Abaetetuba**. ITERPA, 20 nov. 2023. Disponível em: <http://portal.iterpa.pa.gov.br/quilombolas/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

JULIA. **O que é Tradição Oral: Importância Cultural**. Soescola.com, 1 ago. 2024. Disponível em: <https://datas.soescola.com/glossario/o-que-e-tradicao-oral-importancia-cultural/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

LUZ, Eliel Carvalho da. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto**. Abaetetuba, Pará, 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Carta de alforria**. Mundo Educação, 2025. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/carta-de-alforria.htm>. Acesso em: 27 jan. 2025.

NASCIMENTO, Monique Teresa Amoras; CARVALHO, Jéssica Fernanda Carvalho de; SILVA, Brenda Caroline Martins da; FARIAS, Iago Sérgio de Castro; CASTRO, Nádile Juliane Costa de. **Vida quilombola na comunidade de Itacuruçá, Pará**. Novos Cadernos NAEA, v. 26, n. 2, p. 89-110, maio-ago. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/XXX>. Acesso em: 08 fev. 2025.

PINHEIRO, Aladim de Deus. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto**. Abaetetuba, Pará, 2025.

PINHEIRO, Domingos Maciel. **Depoimento pessoal concedido a Ezerhelderson dos Santos Couto**. Abaetetuba, Pará, 2025.

POJO, Eliana Campos; BARRETO, Josilene Ferreira. **Cultura, cotidiano quilombola e o brincar de crianças ribeirinhas de Abaetetuba-PA**. Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 6, n. 14, p. 27-61, 2018. Disponível em: https://www.repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/12879/1/Artigo_CulturaCotidianoQuilombola.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

PORFÍRIO, Francisco. **“Quilombolas”**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/quilombolas.htm>. Acesso em: 22 jan. 2025.

PREFEITURA DE BENEVIDES. **Benevides**. Disponível em: <https://www.benevides.pa.gov.br>. Acesso em: 30 jan. 2025.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro** – a formação e o sentido do Brasil. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Documentário. Fundação Darcy Ribeiro, 2000. Disponível em: <https://youtu.be/yVWUMOgi6h0>. Acesso em: 17 nov. 2023.

RODRIGUES, Francenilson Santos. **Uma olaria artesanal em uma comunidade ribeirinha no município de Abaetetuba/Pa: relações possíveis com o ambiente e a escola**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Ciências Naturais) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2018.

SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araújo (orgs.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2. ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008. 447 p.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. *Ambiente & Sociedade*, v. 5, n. 10, p. 1-28, 2002. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/187>. Acesso em: 27 jan. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico]**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Maiune de Oliveira; PAULA, Maria Helena de; ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de. **Diferentes tipos de alforrias em manuscritos catalanos oitocentistas**. XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281964405>. Acesso em: 27 jan. 2025.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Editora; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

UBUNTU – A Partilha Quilombola. Direção: Arthur Santos e Cassandra Oliveira. Produção: TV Norte Independente. Roteiro: Ismael Machado. Fotografia de Max Lima e Osmar JR. Canal Futura, 2020. Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/futura/v/9243635/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO – ILC
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FACOM
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA A CONSERVAÇÃO DA CULTURA ARTESANAL NAS OLARIAS DO QUILOMBO MÉDIO ITACURUÇÁ:** diante das mudanças socioeconômicas e ambientais atuais.

Desenvolvido por aluno **EZERHELDERSON DOS SANTOS COUTO**. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pela (Profª. Dra.) **Marina Ramos Neves de Castro**, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do (telefone) 99270-7772 ou (e-mail) mrndecastro@gmail.com. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, é construir um(a) monografia/artigo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de [descrever o tipo de abordagem p. ex: entrevista semiestruturada / observação / aferição / exame / coleta / análise do meu prontuário

/ grupo, etc.] [a ser gravada a partir da assinatura desta autorização]. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e seu orientador. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba - Pa, ____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Assinatura do (a) orientador (a)

Fone/e-mail: (91) 993764395 / heldersondossantos@gmail.com

ANEXO B - Roteiro de Entrevista

Segue um roteiro para entrevistas semiestruturadas e abertas, de forma a facilitar a coleta de dados mais qualitativos e detalhados:

Entrevista Semiestruturada e Aberta

1. Como as olarias do Médio Itacuruçá se relacionam com a questão da comunicação?
 - Muito bem
 - Bem
 - Regular
 - Mal
 - Muito mal
2. Você poderia me dizer a sua idade?
 - Menos de 20 anos
 - 20-30 anos
 - 31-40 anos
 - 41-50 anos
 - Mais de 50 anos
3. Quantos anos de experiência você tem trabalhado nas olarias?
 - Menos de 1 ano
 - 1-5 anos
 - 6-10 anos
 - 11-20 anos
 - Mais de 20 anos

4. Quem você diria que tem a maior autoridade dentro das olarias?
 - Proprietário
 - Gerente
 - Supervisor
 - Trabalhadores mais antigos
 - Outros
5. Como a hierarquia de trabalho é estabelecida?
 - Muito bem definida
 - Bem definida
 - Regularmente definida
 - Mal definida
 - Muito mal definida
6. O que inicialmente te motivou a trabalhar nas olarias?
 - Necessidade financeira
 - Tradição familiar
 - Interesse pessoal
 - Falta de outras oportunidades
 - Outros
7. Esse trabalho é suficiente para sustentar sua família?
 - Sim
 - Não
8. Quais melhorias você gostaria de ver no ambiente de trabalho?
 - Melhorias na infraestrutura
 - Aumento salarial
 - Melhor comunicação
 - Mais treinamento
 - Outros
9. O que você mais gosta de fazer quando está trabalhando na olaria?
 - Produção de tijolos
 - Manutenção de equipamentos
 - Supervisão
 - Outros
10. Você aprendeu a trabalhar na olaria com algum parente?

- Sim
 - Não
11. Se sim, quem foi?
- Pai
 - Mãe
 - Irmão(ã)
 - Outro parente
12. Você acredita que, ao trabalhar na olaria, está conservando uma cultura passada por seus antepassados?
- Sim
 - Não
13. Como você vê o futuro das olarias na região do Médio Itacuruçá?
- Muito promissor
 - Promissor
 - Incerto
 - Pouco promissor
 - Muito pouco promissor
14. Quais são os maiores desafios que você enfrenta no seu trabalho diário?
- Condições de trabalho
 - Falta de recursos
 - Comunicação
 - Outros
15. Como você acha que a comunicação poderia ser melhorada nas olarias?
- Mais reuniões
 - Uso de tecnologia
 - Treinamentos
 - Outros

ANEXO C - Sugestões para Trabalhos Futuros

GEOGRAFIA SENSORIAL DAS OLARIAS

A geografia sensorial das olarias envolve a percepção e a experiência sensorial dos espaços onde a produção de tijolos e telhas ocorre. Esta abordagem considera como as pessoas se movem pelo espaço, os cheiros, sons, temperaturas e texturas que experimentam, e como esses fatores influenciam a produção.

Como Ferreira (2013, p. 113-114) destaca, alguns projetos desenvolvidos por órgãos públicos e empresas privadas foram apresentados aos trabalhadores das olarias como tentativas de resolver os problemas de segurança gerados pelo uso manual da maromba, como, por exemplo, a utilização de instrumentos de madeira ou metal para empurrar o barro na maromba ao invés de usar as mãos ou os pés. Contudo, esses mecanismos enfrentam resistência por parte dos trabalhadores, que argumentam que, com os instrumentos, além da sucção do barro ser mais lenta, não dá para sentir o barro entrando da maneira correta e sendo encaixado de uma forma que o produto final apresente uma qualidade melhor.

Ferreira (2013, p. 114) explica também que, pode parecer estranho e até sem sentido para nós esses argumentos, mas é um fato que uma das principais características do trabalho nas olarias é o contato, o toque, é sentir os elementos do seu trabalho no processo de produção. O uso de todos os sentidos é muito valorizado no desenvolvimento de suas atividades para a obtenção do que eles acreditam ser um produto de qualidade, especialmente a visão, o tato e o olfato. Portanto, essas inovações tecnológicas acabam entrando em conflito com o seu modo de vida e, por isso, enfrentam resistência.

As olarias são espaços vivos, moldados pelo trabalho árduo e pela interação constante entre os trabalhadores e o ambiente. A geografia sensorial desses locais se manifesta no movimento entre as diferentes áreas de produção, no calor intenso das fornalhas, nos cheiros característicos do barro e da madeira e nas rotinas que se repetem dia após dia. Esses elementos criam uma experiência única, onde espaço, clima e sentidos se entrelaçam com os rituais do ofício. Diversos fatores influenciam essa vivência, tornando cada olaria um ambiente singular:

1. **Movimento e Espaço:** os trabalhadores nas olarias têm rotinas específicas que influenciam a geografia do espaço. O layout do local, com suas zonas de produção, secagem e armazenamento, afeta como as pessoas se movem e interagem.
2. **Temperatura e Clima:** o calor intenso das fornalhas é uma característica marcante das olarias. O controle da temperatura é crucial, tanto para a qualidade dos produtos quanto para o conforto dos trabalhadores. O calor e o clima também influenciam os horários de trabalho, com atividades ajustadas para evitar picos de calor.
3. **Cheiros e Texturas:** o cheiro do barro amassado, da madeira queimada e da argila cozida cria uma identidade sensorial única para cada olaria. A textura do barro, desde a fase úmida até o produto final endurecido, também contribui para a experiência sensorial dos trabalhadores.
4. **Ritual e Rotina:** as atividades nas olarias são frequentemente guiadas por tradições e práticas estabelecidas ao longo do tempo. A repetição das tarefas e os ritmos diários conferem uma dimensão temporal à geografia sensorial, com pausas e intervalos que permitem aos trabalhadores recuperar-se do esforço físico e mental.

PARTE ARQUEOLÓGICA DAS OLARIAS

A arqueologia das olarias envolve o estudo dos vestígios deixados pela produção de tijolos e telhas. Mesmo que muitas olarias não existam mais fisicamente, os fragmentos de tijolos e telhas encontrados no solo fornecem importantes pistas sobre a presença dessas indústrias no passado. Diversos aspectos podem ser analisados para compreender melhor essa história:

1. **Identificação de Vestígios:** em áreas rurais, é comum encontrar pedaços de cacos de tijolos que foram quebrados durante a produção ou o uso. Esses fragmentos são evidências físicas das olarias que ali funcionavam.
2. **Reconstrução do Passado:** os donos das propriedades rurais muitas vezes descobrem que suas terras abrigavam antigas olarias ao encontrarem esses

vestígios. Essa descoberta é significativa tanto para a arqueologia quanto para a história local, revelando a importância dessas indústrias na economia e na cultura da região.

3. **Perda e Memória:** a perda física das olarias, com o desaparecimento das estruturas e das áreas de trabalho, representa um desafio para a preservação da memória. No entanto, os fragmentos de tijolos e telhas atuam como lembranças tangíveis da atividade industrial e das comunidades que dela dependiam. As olarias, por exemplo, passam por uma crise muito parecida com que aconteceu com os engenhos e muitos dizem que elas terão mesmo fim, o que de fato já está acontecendo (Ferreira, 2013, p. 111). As outras atividades econômicas que ainda persistem também enfrentam problemas advindos da chegada dessas novas formas de produção econômica.
4. **Cartografia Participativa:** a cartografia participativa permite que as comunidades reconstruam suas referências históricas e afetivas através dos vestígios encontrados. Mapas afetivos criados pelos moradores capturam a subjetividade e as experiências pessoais, contribuindo para uma compreensão mais profunda da dinâmica do território.